

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-
RACIAIS**

THALITA SANTOS REIS LUDUVICO

**RESISTÊNCIA E RE (EXISTÊNCIAS) DE PROFESSORAS NEGRAS
EM PORTO SEGURO: trajetórias e inscrições de raça e gênero na docência**

PORTO SEGURO - BA

2019

ITALIA SANTOS REIS LUDOVICO

**RESISTÊNCIA E RE (EXISTÊNCIAS) DE PROFESSORAS NEGRAS
EM PORTO SEGURO: trajetórias e inscrições de raça e gênero na docência**

Dissertação apresentada a Universidade Federal do Sul da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais.

Local, 13 de Dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Hamilton Richard A. F. Dos Santos – PPGER-UFSB-
Orientador



Prof.ª Dr. Eliana Povoas – PPGER- UFSB
Membro interno



Prof. Dr. Neilton Castro -FaE/UFMG
Membro externo

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia - Sistema de Bibliotecas

L947r Luduvico, Thalita Santos Reis, 1987 -
Resistência e re (existências) de professoras negras em
Porto Seguro: trajetórias e inscrições de raça e gênero na
docência. / Thalita Santos Reis Luduvico. – Porto Seguro,
2020.
71 p.

Orientador: Hamilton Richard Santos
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da
Bahia. Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-
Raciais. Campus Sosígenes Costa.

1. Mulheres Negras. 2. Educação. 3. Magistério. I. Santos,
Hamilton Richard. II. Título.

CDD: 371.10036

Bibliotecário: Lucas Sousa Carvalho – CRB5/1883

DEDICATÓRIA

Primeiramente ao Senhor, supremo criador de todas as coisas. À minha mãe, Dona Ivonete (em memória), primeira mulher negra aquela que me fez herdar toda garra, força, e resiliência para continuar sempre caminhando tanto pelas terras de chão quanto pelos asfaltos da vida. Ao meu pai, Seu Osvaldo, carpinteiro e pedreiro, andante que sempre lutou para sustentar sua família, uma das figuras mais sábias que já conheci. À minha família e à minha filha Letícia, extensão do meu corpo, coração que bate fora do meu peito e que me dá força para vencer e ser um exemplo para ela.

AGRADECIMENTOS

Esperei ansiosa por este espaço para agradecer às pessoas que contribuíram direta e indiretamente na construção deste trabalho e na minha caminhada, a cada uma desde o começo de tudo. Aos meus amigos e companheiros de luta que sempre enxergaram potencial em mim e a todo tempo insistiam que eu seguisse na carreira. À Jeobergna de Jesus que numa corrente de sororidade me ajudou sem ao menos me conhecer, À minha amiga Midiã Alves que numa empreitada contra o tempo quase que virou noites comigo para me ajudar com a bibliografia, uma mulher negra. A força de várias mulheres negras juntas numa corrente de irmandade é indestrutível.

Agradeço aos meus amigos pelas palavras de apoio pelos telefonemas, pelos convites para arejar a mente, sem vocês eu não teria conseguido, agradeço aqueles que torceram silenciosamente ou escancaradamente contra mim, muito obrigada de verdade vocês me ajudaram a não desistir.

Em especial agradeço ao meu amigo, colega de profissão e militância Neilton Castro que foi meu principal incentivador para entrar nesse processo, enxergou potencial em mim. Gratidão!

À minha turma 2017.1, cada um de vocês foram essenciais, nossas conversas e angústias por estarmos sendo um protótipo da UFSB, tudo era novo para nós e acabamos um pouco prejudicados por isso, mas amo cada um. Que mais turmas como a nossa venham, que comam mais jacas de sobremesa depois das macarronadas.

Em especial, ao meu amigo Kauan Almeida, uma figura que fez toda a diferença na minha vida, me ouviu me deu a mão quando eu mais precisei sem ele eu sei que seria tudo mais difícil.

Agradeço ao meu orientador Prof^o Dr^o Richard Santos que, de fato, me mostrou na prática os valores civilizatórios dos que vieram antes, isto é, nossos ancestrais, O ABRAÇO NEGRO, que num momento delicado e crucial me ouviu, me apoiou e acreditou em mim, nunca esquecerei a última frase depois de cada e-mail,- ACREDITO EM VOCÊ!

À professora Eliana Povoas, pela mulher tão humana que mesmo com todo seu poder não se deixa envaidecer pelos egos da academia, não compactua com injustiças, é sempre verdadeira e sincera sem perder a humanidade

Agradeço à minha família e aos meus amigos, aqueles que juntei e aqueles que não aceitaram essa nova caminhada e se afastaram, agradeço aos meus alunos e à minha comunidade.

Por fim agradeço a Universidade Federal do Sul da Bahia pela oportunidade de participar deste processo tão valoroso!

EPÍGRAFE

*Tinha sete anos apenas, apenas sete anos,
Que sete anos!
Não chegava nem a cinco!
De repente umas vozes na rua
me gritaram Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!
“Por acaso sou negra?” – me disse
SIM!
“Que coisa é ser negra?”
Negra!
E eu não sabia a triste verdade que aquilo escondia.
Negra!
E me senti negra,
Negra!
Como eles diziam
Negra!
E retrocedi
Negra!
Como eles queriam
Negra!
E odiei meus cabelos e meus lábios grossos
e mirei apenas a minha carne tostada
E retrocedi
Negra!
E retrocedi . . .
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Neeegra!
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra!
E passava o tempo,
e sempre amargurada
Continuava levando nas minhas costas
minha pesada carga
E como pesava!...
Alisei o cabelo,*

*Passei pó na cara,
e entre minhas entranhas sempre ressoava a mesma palavra*

Negra! Negra! Negra! Negra!

Negra! Negra! Neeegra!

Até que um dia que retrocedia , retrocedia e que ia cair

Negra! Negra! Negra! Negra!

Negra! Negra! Negra! Negra!

Negra! Negra! Negra! Negra!

Negra! Negra! Negra!

E daí?

E daí?

Negra!

Sim

Negra!

Sou

Negra!

Negra

Negra!

Negra sou

Negra!

Sim

Negra!

Sou

Negra!

Negra

Negra!

Negra sou

De hoje em diante não quero

alisar meu cabelo

Não quero

E vou rir daqueles,

que por evitar – segundo eles –

que por evitar-nos algum disabor

Chamam aos negros de gente de cor

E de que cor!

NEGRA

E como soa lindo!

NEGRO

E que ritmo tem!

Negro Negro Negro Negro

Negro Negro Negro Negro

Negro Negro Negro Negro

Negro Negro Negro

Afinal

Afinal compreendi

AFINAL

Já não retrocedo

AFINAL

E avanço segura

AFINAL

Avanço e espero

AFINAL

E bendigo aos céus porque quis Deus

que negro azeviche fosse minha cor

E já compreendi

AFINAL

Já tenho a chave!

NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO

NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO

NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO

NEGRO NEGRO

Negra sou!

(Poema, Victoria Santa Cruz)

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de conhecer e analisar criticamente através da coleta de relatos de vida, a análise interseccional de categorias como escolarização e atuação profissional junto às identidades raciais e de gênero de professoras negras do Município de Porto Seguro – BA.,. Afim de perceber a relação que essas vivencias tem com fazeres pedagógicos. No Brasil, há uma maior participação das mulheres no campo educacional. Dessa forma, utilizaremos o recorte de raça e gênero para analisar tais trajetórias e como esses marcadores influenciam nas suas formações. Realizamos entrevistas com as professoras da região para cotejar essa perspectiva. Como metodologia, selecionamos três professoras para a pesquisa e através da análise do discurso produzido por essas mulheres, buscaremos compreender seus processos de formação e fazeres pedagógicos que possam contribuir para a efetivação da lei 10.639/03.

Palavras-chave: Mulheres Negras. Educação. Magistério. Trajetórias.

ABSTRACT:

This work aims to know and analyze critically through the collection of life reports, the intersectional analysis of categories such as schooling and professional performance with racial and gender identities of black teachers from the municipality of Porto Seguro - BA.,. In Brazil, there is a greater participation of women in the educational field. Thus, we will use the cutout of race and gender to analyze such trajectories and how these markers influence their formations. We conducted interviews with the teachers of the region to compare this perspective. As a methodology, we selected three teachers for research and through the analysis of the discourse produced by these women, we will seek to understand their training processes and pedagogical work that can contribute to the implementation of law 10,639/03.

KEYWORDS: Black women. Education. Teaching. Trajectories.

SUMÁRIO

| | | |
|------------|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 12 |
| 1.1 | Memorial | 14 |
| 1.1.1 | Criança negra | 14 |
| 1.1.2 | Adolescente negra | 16 |
| 1.1.3 | Mulher negra e professora | 18 |
| 1.2 | Justificativa | 21 |
| 1.3 | Objetivo geral | 23 |
| 1.4 | Objetivos específicos | 23 |
| 1.5 | Problema | 23 |
| 1.6 | Hipótese | 24 |
| 1.7 | Metodologia | 24 |
| 2 | MULHERES NEGRAS E DOCÊNCIA: História e Formação no Brasil .. | 27 |
| 3 | IDENTIDADES E NEGOCIAÇÕES: professoras negras na pós-modernidade | 37 |
| 4 | REPRESENTAÇÃO NA DOCÊNCIA: professoras negras em espaços de poder | 44 |
| 5 | (IN)CONCLUSÕES | 51 |
| | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 53 |
| | ANEXOS | 55 |

1 INTRODUÇÃO

Não fomos vencidas pela anulação social, sobrevivemos à ausência na novela, e no comercial, o sistema pode até me transformar em empregada, mas não pode me fazer raciocinar como criada.

(Mulheres Negras Yzalurí)

A educação não se faz somente nos bancos escolares, a educação para alteridade¹ muito menos, então para começo de conversa trago um trecho da música *mulheres negras* para tratar da imagem que a mídia construiu e continua construindo sobre os corpos negros e, como recorte, sobre os corpos femininos negros como nos afirma (SANTOS, 2018) [...] *o papel da mídia é determinante para os avanços e retrocessos nos direitos da massa disforme [...] que é formada principalmente pela população negra[...]*. Katia Regina Rabello da costa² (2012) em seu texto *De quando a pluralidade revela a invisibilidade* fala sobre como se tece o ser enquanto sentido social na subjetividade e no campo das ideias imagéticas, e, assim, como tal compreensão delineia de forma subliminar o comportamento dos corpos.

Ela trata da visível invisibilidade do negro no Brasil, algo por ela notado ao fazer um levantamento do quantitativo de propagandas publicadas em revistas no ano de 2009. Se tratando de um país majoritariamente negro, nas páginas das revistas revela-se outra realidade, onde as pessoas não-negras integram 85,7% das propagandas, mais uma vez desmentido a falácia da tão exaltada "democracia racial". Sobre essa ausência proposital a autora pontua que:

A veiculação maciça de propagandas em que desfilam, majoritariamente, pessoas brancas com características fenotípicas caucasianas, finda por naturalizar o sentido social de ser negro como um ser pertencente a um grupo "minoritário", convertendo a noção de "minororia" em traço semântico em si mesmo associado à pessoa negra. A consequência disso é o nascimento e a difusão da crença, na sociedade brasileira, de que esta é, plástica e predominantemente, branca! (Costa, 2012, p. 41)

¹ **Alteridade** é um substantivo feminino que expressa a qualidade ou estado do que é outro ou do que é diferente. É um termo abordado pela filosofia e pela antropologia. Um dos princípios fundamentais da **alteridade** é que o homem na sua vertente social tem uma relação de interação e dependência com o outro.

² Coordenadora do *Lato Sensu* em "Relações Étnico-raciais e Educação: uma proposta de (re)construção do imaginário social", do Cefet-RJ, docente do referido curso e do ensino médio do Cefet-RJ; doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Ou seja, a representação branca e a ausência da figura negra no meio televisivo, cria uma concepção de minoria negra e enaltece o ser branco como algo maior e superior o que contribui para o fortalecimento de um projeto bem estruturado para estigmatizar os lugares que os corpos negros devem ocupar. Como afirma Santos (2018) “*ao negar ao imaginário coletivo um conjunto de signos que visibilizam a humanidade e a pluralidade do ser não branco, os emissores do discurso televisivo se associam aos interesses da minoria que historicamente atua pelo embranquecimento do país*”. O autor pontua que a mídia tem como principal função fortalecer seus pactos com a burguesia que se propõe, desde o “fim” da escravidão, demarcar os lugares que os corpos escravizados deveriam ocupar mesmo depois de “libertos”. O autor ainda designa o não-estar desses corpos como um código da branquitude e essa massa representativa da população como “*maioria minorizada*” de “*sujeitos desidentificados*”, o que quer dizer que mesmo representando 64% da população brasileira, essa maioria ainda é refém dos que possuem o capital no país e, assim, trabalham com um projeto estruturado para desidentificar os corpos e memorizá-los imagetivamente para, então, continuar a negação de uma série de direitos que desde a colonização foram apagados, isto é, a mídia tem uma missão pontual que contribui para a negação de direitos a uma parcela significativa da população do país.

Em se tratando da proposta dessa pesquisa, a mulher negra como sujeito desidentificado constrói sobre si um pensamento distorcido, sobre o ser e o estar, como nos afirma Santos (2018) “[...] *a televisão se tornou um espaço político com capacidade de construir, formar consciências, influir nos comportamentos, valores, crenças e atitudes*”. Como forma de invisibilizar, a mídia oculta movimentos e lutas dessa maioria organizada, porém, com os avanços dos estudos e das lutas dos movimentos negros, seja com recorte de gênero ou não, esta mesma mídia tem sido de alguma forma “forçada” a dar certa visibilidade à população dita periférica, e esta como maneira de reivindicação denunciativa, usa o hip hop³ e suas vertentes para fazer o papel inverso e contra-hegemônico, isto é, colocar esse sujeito, outrora historicamente excluído, como protagonista para evidenciar a voz da juventude negra nesta construção diaspórica e denunciar as formas de segregação e violências colocadas sobre os corpos negros.

³ O hip hop é uma elaboração cultural e política que se expressa enquanto uma arte com várias nuances denominados de elementos do hip hop que reúne o grafite, Dj, B-Boy e B-girl. Quem tem como objetivo a paz o amor a diversão como também é uma forma de denunciar o racismo e a exclusão dessa camada significativa da sociedade.

Portanto, iniciei este texto com um trecho de um hip hop que denuncia o lugar da mulher negra na mídia, na sociedade e na subjetividade a fim de *linkar* esse mesmo sujeito mulher/negra a outro lugar, à docência. Por mais que a mídia de alguma forma eduque a sociedade para pensar corpos negros femininos de modo objetificado, sexualizado, estereotipado e desprovido de inteligência, esta pesquisa se propõe pensar esses corpos em outro espaço, isto é, dentro da sala de aula, no exercício de poder da fala.

Esta pesquisa em construção, incompleta mesmo depois de viver a experiência da banca avaliadora, se propõe enquanto um exercício de análise de trajetórias a partir das narrativas de três professoras negras do Município de Porto Seguro – BA, assim como das suas experiências identitárias e suas contribuições para a construção e (re)construção das suas identidades enquanto mulheres, negras e professoras.

O projeto de pesquisa e o texto construído a seguir, tem uma grande relação com minha perspectiva e história de vida, meus construtos intelectuais, vivências anteriores ao meu acesso ao ensino universitário e à pós-graduação e os construtos intelectuais ampliados a partir daí, estão estendidos neste painel que apresento desde a introdução à conclusão. Conclusão que poderia ser, como costuma usar meu orientador, inconclusões⁴ (SANTOS 2014). No decorrer de minha trajetória fui sujeito de experiências que julgo serem de vital importância para a construção desta investigação e proposição do produto pedagógico, deste modo, me desenho abaixo e me abro para a possível relação de um projeto de vida a ser apresentado.

1.1 Memorial

1.1.1 Criança negra

No dia sete de abril de 1987 no Hospital São Lucas no município de Itabuna – BA cheguei ao mundo. Passei minha infância no bairro periférico da Califórnia, um lugar de alta vulnerabilidade, numa rua de chão de terra e esgoto que passava na porta de casa

⁴ Termo usado na tese de doutorado do Professor Hamilton Richard Santos “A REVOLUÇÃO NÃO SERÁ TELEVISIONADA (!?) - O caso comparado da TV Pública no Brasil e na Argentina Brasília; o mesmo usa esse termo a fim de entender que nenhuma pesquisa é estática e conclusiva assim como também não pode ser tratada como uma verdade absoluta, podendo num futuro sofrer alterações.

denunciavam que nada havia em minha casa em abundância, somente o amor e o respeito dos meus pais.

Havia dias que para ter carne, meu pai ia ao Rio Cachoeira pescar, lembro-me que em um domingo onde ele conseguiu trazer alguns peixes maiores, chegaram algumas pessoas de surpresa para almoçar em casa e nesse dia minha mãe e meu pai comeram somente feijão e arroz puro para deixar a carne para as visitas. Tudo era contado, três pedaços de carne para cada um. Meu lanche da tarde era café com farinha, biscoito de coco (ou *pocazoi*) com café. Biscoito recheado e iogurte só quando visitava a casa de algum parente. Certa vez, uma vizinha me ofereceu um morango, eu com vergonha não aceitei por medo de não saber comer, não sabia se era doce ou azedo, se tinha caroço ou não, na dúvida rejeitei, mas com muita vontade de provar.

Até completar os meus oito anos de idade estudei no Garrastazul Medice, a mesma escola que sofri um dos primeiros casos de racismo na vida. Tinha um “colega” que vivia me perseguindo com apelidos como cabelo de *Bombril*, piolhenta, neguinha do sovaco fedorento, dentre outros nomes. Por vezes, eu ficava todo o recreio em sala para ele não me importunar, porém, um dia estava sentada na calçada ao lado da sala e pensei que ele finalmente não iria me perturbar, mas, de repente, ele surgiu e começou com seus insultos, puxava o meu cabelo, nesse momento eu resolvi que não iria ficar inerte, então peguei uma pedra (o chão do pátio era cheio de britas para sugar a água da chuva) e quando ele viu que eu iria jogar, correu! Quando lancei a pedra, ele se abaixou e a pedra atingiu o rosto de uma menina que passava atrás com mais duas amigas, fiquei gelada quando ela tirou a mão do rosto e o sangue escorreu, o que se seguiu depois daquele episódio nunca saiu da minha memória. Fui levada à diretoria por dois adultos que não consigo lembrar que cargo desempenhavam na escola, fui tratada como uma delinquente. Chamaram os meus pais na escola e, todos, sentados próximos a uma mesa enorme, ouvimos as reclamações. Minha mãe teve que pagar todos os remédios, mesmo sem condições nenhuma, mas nunca ninguém me perguntou porque eu fiz aquilo, nunca ninguém notou que algo aconteceu para uma menina de oito anos, quieta, estudiosa e amistosa tomar uma atitude daquelas. E a vida seguiu...

Vivi uma guerra entre minha mãe e uma tia (irmã do meu pai) com relação ao meu cabelo, minha mãe sempre trançava, tirava uma trança lavava desembaraçava e trançava novamente, porém, quando eu chegava à casa da minha avó, minha tia insistia em tentar

fazer penteados e até cachos, ao voltar para casa, minha mãe tornava a desmanchar e a trançar, dizia que cabelo ruim tinha que ficar de trança para durar a semana toda e que não via a hora de poder alisar, passar pente quente. Era doído, mas nada como ser impedida de sonhar.

Eu tinha sonhos. Um dos meus sonhos de criança era, no desfile de sete de setembro, me fantasiar de princesa ou de bailarina, mas eu era colocada, quase sempre, como soldado, de uniforme, um sapato, que se chamava conga, e um chapéu na cabeça, mas eu ia todo o percurso admirando as meninas com seus vestidos de princesa e suas roupas de bailarina. Outro desejo era de ser *daminha de casamento*, mas nunca fui convidada, até que surgiu uma oportunidade, uma tia foi se casar e a minha prima que foi chamada para ser a daminha não conseguiu chegar a tempo, como eu estava bem bonita alguém disse “por que não colocar a Thalita?” Meus olhos brilharam e então eu entrei no casamento, mas, para minha tristeza, a minha prima chegou e na hora de posar para as fotos do casamento eu fui tirada de cena, assim, para todos os efeitos eu nunca fui uma daminha.

Eu não entendia o porquê de ser sempre esquecida ou sempre ganhar os piores presentes. A primeira vez que me lembro de ver a minha mãe chorar foi quando um tio comprou presentes para todos os sobrinhos e simplesmente esqueceu de mim, mas, para minha “sorte”, sobrou uma bola, nesse dia ao chegar em casa vi minha mãe lavando louça chorando e me falou: “fazem isso com você porquê? Por que minha filha é preta? É feia? Não se preocupe não, minha filha, estude! Um dia você vai entender tudo isso, e não vai precisar de ninguém”.

Nessa época meu pai trabalhava em Porto Seguro e quando eu tinha nove anos todos viemos morar na cidade, no bairro Baianão que, à época, não tinha eletricidade e água encanada, tínhamos que descer o boqueirão com baldes para pegar água ou puxar “sarir”⁵ para retirar água no poço.

⁵ Esse termo passei a conhecer aqui no município de Porto Seguro é uma espécie de braço de madeira com uma manivela uma corda maior que a profundidade da cisterna e um balde, onde se rola toda a corda até o fundo da cisterna o balde enche de água e com a manivela a pessoa puxa.

1.1.2 Adolescente negra:

Trabalho desde os 12 anos. Desde que me “entendi por gente”: padaria, chapeira, babá, faxineira, repositora e atendente. Um desses tantos empregos era em uma loja de roupas e com vinte dias de trabalho entraram seis pessoas na loja, trancaram-me no banheiro e assaltaram a loja. Quando consegui sair liguei para a minha patroa e relatei o ocorrido, a mesma chamou a polícia que me colocou dentro da viatura e fez com que eu percorresse o bairro a fim de encontrar as pessoas que tinham me assaltado, quando retornei à loja ela me chamou para conversar e insinuou que eu tivesse participação no caso, pois nunca havia acontecido antes e justamente quando fui trabalhar lá aconteceu. Naquela noite chorei muito, pois me senti mal por ser acusada de algo tão horrível. Ou melhor, pelo único motivo de ser uma menina/mulher negra. Esse tem sido o principal motivo de aprisionamentos e assassinatos não resolvidos no Brasil, das balas perdidas sem direção que vimos diariamente na televisão. Mas isso é tema para outros debates, voltando a mim...

Enquanto todos estudavam eu trabalhava, enquanto todos descansavam eu estudava, todas as mulheres ao meu redor tinham realidades parecidas. Minha mãe, por exemplo, trabalhou a vida inteira para ajudar no sustento da sua casa, que por sinal vivia em uma situação mais difícil ainda, ela me contava que aos domingos ia para a feira pedir restos de carne ou ossos para sua mãe, minha avó Alice - que eu chamava carinhosamente de vovó Filhinha – e poder cozinhar para comer acompanhado de um pirão de farinha, sal e água que muitas vezes era a única refeição que ela e seus seis irmãos faziam no dia, quando não conseguia mais comprar em uma quitanda que tinha próximo a sua casa, muitas vezes, por já estar devendo.

Me recordo que moravam em uma casa bem simples e o quarto que ela dormia só tinha metade do telhado, ela me falou várias vezes que dormia vendo o céu, o que seria até poético se não fosse tão sofrido, pois nas noites de chuva acordava se molhando e tinha que correr dali, logo consegui um emprego em uma fábrica de roupas e por ter uma jornada de trabalho cansativa tentava estudar à noite, mas logo desistiu, aos 27 anos na 8º série, não conseguiu completar o ensino fundamental, enquanto meu pai passava a maior parte do tempo fora, de cidade em cidade como pedreiro, carpinteiro e encarregado de obras.

Minha mãe, irmã e eu vivíamos do que ele mandava todo mês e para complementar a renda vendíamos todos os catálogos disponíveis (*Hermes, Avon, Natura*, entre outros).

Apesar de ser incentivada a estudar, a realidade me empurrava para o trabalho. Por vezes, eu me perguntava o que iria fazer da vida? Que carreira eu iria seguir se não enxergava opções? Não seria melhor me sacrificar e pagar cursinho pré-vestibular ou até mesmo uma faculdade particular?

Estudei na escola Estadual Pedro Álvares Cabral, onde cursei até completar o ensino médio, ao contrário da maioria das meninas nunca tive pretendentes, eu era a engraçada, a palhaça. Certa feita, numa festa que sempre acontecia na escola, minha turma iria representar a cultura do Brasil e ia ter a representação de Iemanjá, eu fiquei louca para ser, mas ouvi de um professor acompanhado das risadas dos colegas: “menina onde já se viu Iemanjá preta, oxe! Que coisa!”. Outro episódio que aconteceu numa edição dessa festa foi que minha turma pegou o país África do Sul, e pra minha felicidade eu fui incluída em tudo, fiz parte da dança, e recordo que quando estávamos nos preparando para dançar, com outros colegas na sala, só de biquíni pintando o corpo para vestir o figurino, um colega entrou e disse assim: “rapaz a gente não nota que você é “boa” quando tá vestida, por de trás do cabelo ruim até que você é G....!”. Aquilo foi constrangedor para mim e minha reação foi agressiva. Minhas relações afetivas em geral foram quase todas por desejo, fetichização, algo que me marcava muito, pois não conseguia engatar uma relação duradoura.

Conseguí terminar o Ensino Médio, sendo aluna de escola pública, aos 16 anos. Em seguida, fiz a última turma de magistério em escola particular ofertada em Porto Seguro, meus pais ajudavam com uma parte e eu, que com essa idade já trabalhava como professora leiga, completava o valor. Alguns anos mais tarde, com um salário de R\$365,00, trabalhando de atendente em uma padaria, consegui cursar pedagogia em uma faculdade à distância.

1.1.3 Mulher negra e professora

Atuando em uma localidade de alta vulnerabilidade, um dos últimos e marcantes episódios que aconteceu comigo foi que enquanto coordenadora pedagógica, fui ameaçada de morte por uma mãe de aluno que foi à escola reclamar com uma professora que, segundo ela, tinha tratado mal seu filho e com palavras baixas insultava a minha colega de trabalho.

No exercício da minha função pedi que ela nos respeitasse, foi então que ela disse o seguinte: “o que você quer se metendo sua negra imunda, quando você sair daqui você vai ver o que vou fazer com você, vai pagar por ser metida”. E quando disse que era a coordenadora pedagógica ela respondeu: “você coordenadora? Quem é você pra isso? Sua imunda, relenta você tem que estudar muito pra isso, no mínimo você lava o banheiro aqui”. Foi aí que comecei a me questionar sobre as desigualdades as quais me atingiam e, que, outrora, sequer conseguia enxergar, inclusive, no meu papel enquanto professora, visto que para mim era inconcebível a ideia de me ver como sujeito que poderia ser exemplo, principalmente, esteticamente para outras crianças. Assim, quando fiz a transição capilar, notei que várias alunas negras se inspiraram em mim para passar pelo processo, pois, tinham em mim uma espécie de refúgio a quem elas poderiam recorrer quando eram envergonhadas pelos colegas de escola.

Incentivada por uma amiga, fiz o processo para cursar o mestrado em Ensino e Relações Étnico-Raciais, consegui entrar, talvez achando que de alguma forma seria algo saudável. Como me enganei, me deparei com a face cruel da academia que me incluiu, mas que de outro modo tentou me empurrar para fora, em algum momento desse processo entre debates e reflexões sobre as condições da mulher negra no país ouvindo todos aqueles discursos emocionados por vezes exaltados bonitos de se ver quase que ascendendo a chama da luta pelas minorias em meu coração, não fui acolhida por uma mulher negra que julgava ser solidária com a minha trajetória que de alguma forma também atravessava a trajetória dela, fiquei sem apoio acadêmico num momento crucial quase que deixada penso que propositalmente para fracassar por não atender as expectativas intelectuais e ser insubmissa, fui abraçada não por uma irmã negra, mas por um irmão negro que mesmo sem precisar assumir a responsabilidade ouviu a minha história e resolveu me auxiliar nesta caminhada, portanto estar neste processo é muito importante para a minha vida de resistência como mulher, como negra, classe trabalhadora, mãe e professora primária de tantas outras meninas negras como eu, pois durante toda a minha vida as situações me prepararam para esse momento.

Analisando todo esse contexto, comecei a pesquisar e refletir sobre tudo isso e entender os processos excludentes que tinha passado por ser mulher, negra e pobre, sem ao menos saber. Tomei ciência da Lei 10.639/03 que já existia há alguns anos, mas não sabia o que significava. A partir de então comecei a construir um tipo de revolução solitária na

escola em que trabalhava, tanto no modo de agir, quanto no modo de tratar minhas alunas e defendê-las, acompanha-las, apoia-las e a propor algumas iniciativas. Assim, entre conversas informais com minhas colegas de trabalho que eram todas mulheres e negras, comecei a pensar o porquê e como aquelas mulheres com histórias parecidas com as minhas chegaram até ali, no magistério, sem nenhuma consciência da sua identidade étnico-racial e/ou de gênero?

Partindo deste ponto, o que acredito dar significância a esta pesquisa, é compreender como os contextos sócios-históricos contribuíram para a construção da identidade de professoras negras em Porto Seguro, e como podem auxiliar na compreensão das relações sociais que implicam em raça, gênero e classe afim de fomentar práticas pedagógicas mais efetivas para as relações de alteridade. Essa é a ideia força que trago para análise, debate e proposta de produto a ser desenvolvido para fortalecimento das identidades étnico-raciais das mulheres negras em sala de aula no município de porto seguro. Assim como apresentei no início dessa introdução, acredito em ferramentas comunicacionais como proposta de projeto de intervenção, abordarei isso mais tarde.

Dessa forma, como sujeitos de pesquisa temos três professoras. Duas professoras da Rede Municipal de Ensino e uma da Rede Estadual. O caminho percorrido para encontrar as mulheres para participar foi da seguinte maneira: procurei a responsável pela pasta de diversidade na secretaria municipal de educação de Porto Seguro Gilmaria da Cruz Menezes em conversa com a mesma solicitei que me auxiliasse na indicação de mulheres professoras que fizessem um trabalho efetivo dentro de suas escolas no âmbito das relações raciais.

Por conseguinte, relacionei alguns nomes e fui em busca delas. Na listagem um total de oito, uma estava com problemas de saúde e não consegui encontra-la, pois estava afastada das funções, outra também estava afastada cuidando da mãe que estava doente, procurei-a em um outro momento mas ela não quis participar, relatou uma incerteza e falta de tempo para a proposta, outra simplesmente disse que não estava disposta. Ainda, as outras duas não consegui localizar por morar em comunidades distantes, em suma notei um certo receio em fazer parte de uma proposta como esta, senti um medo da exposição num misto de falta de interesse, por talvez não julgar interessante como também não enxergar a importância de suas participações em trabalhos como este. Deste total apenas três entenderam a proposta e disponibilizaram de seu tempo.

A professora da rede estadual foi uma indicação de uma amiga docente que conhecia o trabalho por ela desenvolvido, procurei a referida professora que prontamente também aceitou fazer parte deste trabalho. Portanto, dentro desta perspectiva e como resultado de horas de conversa com a representante da SME, pude perceber que apesar de o tema estar sendo trabalhado nas escolas de Porto Seguro, se faz necessária uma tomada de posse da grande importância do empoderamento dessas profissionais em assumirem seu papel de grande relevância enquanto mulheres, negras e professoras, de transmitirem a fim de multiplicarem o trabalho por elas realizado dentro das paredes escolares. Principalmente nos anos iniciais e no ensino fundamental I, salientando que todas as participantes fazem um trabalho a partir do ensino fundamental II e médio para assim ajudarem na disseminação do objetivo que esta pesquisa se propõe.

1.2 Justificativa

A partir da percepção da necessidade de fomentar as discussões e a reflexão das vivências e do papel de professoras negras enquanto referências para o ensino das relações étnico-raciais, com o intuito de colocar em prática a Lei 10.639/03 nos anos iniciais, argumento que através desta pesquisa poderemos perceber que a referida Lei aprovada em 2003, ou seja, há mais de 15 anos, ainda é algo trabalhado com um certo grau de fragilidade no município.

Como exemplo, trago a oficina ministrada por mim na Jornada Pedagógica 2019 para as/os professoras/es da rede municipal. A Jornada Pedagógica acontece todos os anos com o intuito de inserir as novas demandas no ano letivo corrente. No referido ano, ministrei para professoras/es do quarto e quinto ano do Ensino Fundamental I, a oficina *História e cultura africana e afro brasileira*, dessa experiência, percebi o desinteresse e o preconceito⁶ na forma como as questões foram tratadas nos dois dias de oficina.

No primeiro dia, apesar de toda a divulgação anterior, apenas 4 pessoas compareceram à oficina e uma das participantes relatou que uma colega disse que não participaria por se tratar de coisa do “demônio”. Compreendi que esta narrativa discursiva,

⁶ [...] os efeitos psicológicos do preconceito e da discriminação na construção de uma expectativa, um sentimento de insegurança do negro em relação ao outro e à sua relação em sociedade. O negro que introjeta tais sentimentos vive, na sociedade racista, o medo de ser rejeitado devido ao seu corpo. (GOMES, 2010, p.144)

demonizando toda e qualquer coisa relacionada as culturas afrodescendentes, como fruto da crescente intervenção das igrejas neopentecostais na vida cotidiana brasileira, formando imaginários negativos sobre o não crente e demonizando as culturas e manifestações religiosas afrodescendentes. Basta abrirmos o jornal para vermos denúncias de agressões e desrespeito.⁷

Apesar disso, em conversas e relatos nas formações por mim ministrada muitas professoras expressam a curiosidade, o desejo e animação de trabalhar com esse tema. Uma experienciou a importância de se trabalhar temas como afro representatividade, identidade, relações raciais, pois na escola em que trabalhou enfrentou alguns problemas com pais de alunos e até com as próprias crianças, problemas de relacionamento, problemas de preconceito em participar de atividades por terem as mesmas opiniões que o relato citado acima de intolerância religiosa.

Dessa maneira, evidencia-se que a diminuta participação de docentes nessa oficina, comparado ao quadro de professoras/es efetivas/os no município que, segundo a Secretária de Educação, são cerca duas mil, nos serve de indicador para a frágil situação que a temática tem em Porto Seguro.

Em outra oportunidade ministrei uma formação por título *Afro Representatividade: A importância da valorização da identidade para o ensino fundamental I* às professoras dos anos iniciais Educação Infantil, 1º ao 3º ano e a oficina *Pretagogias: Escurecendo os olhares para a sala de aula* para as professoras do 4º e 5º ano, e fiz o seguinte questionamento: quantos professores conhecem e sabem do que se trata a lei 10.639? Tem conhecimento que existe no município um trabalho voltado assim como uma proposta curricular para trabalhar a diversidade e o ensino da história e cultura africana e afro brasileira nas escolas do município?

Com as respostas dadas a provocação, pude perceber que pouquíssimas professoras sabiam com exatidão do que se tratava, a maioria disse não saber da existência da proposta curricular, relataram trabalhar o tema somente em novembro com um desfile da beleza negra. Temos aproximadamente cerca de cento e quatro escolas em uma cidade localizada

⁷ <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2019/03/5630073-terreiro-e-destruido-por-trafficantes-em-nova-iguacu.html>;
<http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2016/09/terreiro-de-umbanda-e-destruido-e-policia-apura-suposto-crime-de-odio.html>

no Sul da Bahia, que é marcada e reconhecida por ter uma população significativa de negras/os e indígenas e, ainda assim, não consegui achar um número significativo de professoras/es que trabalhassem a Lei ou temas referentes às negritudes. O que, no limite, é algo preocupante, bastante doloroso e denunciativo do abandono da lei e das propostas pedagógicas na região.

Dentro desta vivência pessoal, de histórias e experiências que me inquietaram e me incentivaram a trilhar pelos caminhos da pesquisa, uso toda a bagagem de vida de dores e delícias, experiências como uma militante, educadora e inconformada com a sociedade. Uso toda essa indignação como arma de luta e de estudo para construir algo palpável que contribua para pesquisas futuras, assim como para alimentar propostas didáticas e instrumentos de reflexão.

Início este percurso de escrita procurando ser mais didática e “escura” possível para me fazer entender não somente aos mestres e doutores que tiver contato com este texto, mas que ele possa ser compreendido por todxs.

Deste modo, relacionando minha trajetória com a trajetória de meninas negras que me cercam, cheguei até aqui e pretendo contribuir com esse processo crítico de compreensão de nossa sociedade e sobrevivência. Assim, chegamos a construção dos objetivos de pesquisa, problema e hipótese.

1.3 Objetivo geral

Este trabalho teve como objetivo geral a análise crítica das trajetórias de professoras negras do município de Porto Seguro, bem como procurou conhecer o processo de seu acesso à educação e compreender como os marcadores de raça e gênero influenciaram na sua formação.

1.4 Objetivos específicos

- Compreender a trajetória de formação dessas profissionais;

- Analisar as implicações de raça e gênero na construção de sua identidade enquanto mulheres pretas e professoras;
- Avaliar quais as ligações que as trajetórias têm nos seus fazeres pedagógicos.

1.5 Problema

Diante do que foi apresentado, reafirmo objetivo geral da pesquisa: “compreender e analisar criticamente as trajetórias de professoras negras do Município de Porto Seguro-BA”, e, assim, construo a pergunta-problema: como as experiências de professoras negras contribuem para a construção de práticas pedagógicas antirracistas nas escolas?

1.6 Hipótese

O autoconhecimento e pertencimento da sua identidade negra e feminina nos contextos históricos auxiliam para a construção de uma educação identitária e antirracista.

1.7 Metodologia

A metodologia deste trabalho se deu através de entrevistas semiestruturadas com perguntas sobre a vida, a infância, a escolarização, a formação, entre outras. Para isso, fiz uso da história oral. Gravei as entrevistas.

A escolha desse método de pesquisa está baseada nas leituras sobre metodologias que possibilitassem uma melhor obtenção de respostas, visto que se refere às relações humanas qualitativas, como afirma Minayo (1996), cujas pesquisas na sociologia, trabalham com significações, motivações, valores e crenças que não se podem mensurar, pois partem de pensamentos singulares.

Haguette (1997, p 86) entende a entrevista semiestruturada “como um processo de interação social na qual uma delas é o entrevistador e a outra o entrevistado”, nesse sentido, é a partir dela que buscaremos coletar relatos nos campos objetivos e subjetivos, sendo este último o mais importante para a referente pesquisa, pois estão inerentes valores, atitudes e opiniões das mulheres negras entrevistadas. Além disso, esse modelo de entrevista favorece a captação de informações, pois, se aproxima muito de uma conversa informal que

possibilita ao entrevistador(a) tocar em assuntos mais delicados, soando como uma espécie de troca mútua entre as duas partes.

Ainda, baseado em Bourdieu (1999), mesmo que pareça uma conversa informal, a entrevista semiestruturada ocorre a partir de um rigor, ou seja, o pesquisador não deve seguir metodicamente o roteiro, mas, precisa ter rigor na proposta e nas informações que se quer obter.

Como embasamento teórico, optamos por caminhar junto a alguns/mas autores/as que dialogam com os estudos em educação para as relações étnico-raciais e de gênero, nesse sentido, temos como referência às obras da Prof.^a Dra. Nilma Lino Gomes (1995): *A Mulher negra que vi de perto* e *Mulheres Negras e Educação: Trajetórias de Vida, Histórias de Luta* para entender como se dá o processo de construção racial e identitário de mulheres negras e professoras.

Procuramos pontuar desafios para a educação e formação para cidadania, bem como buscamos situar as razões históricas e ideológicas de dificuldades para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.

Com base no texto de Cavalleiro (1998) *Do silêncio do lar ao silêncio escolar*, analisamos o processo de socialização, no que se refere às relações étnico-raciais estabelecidas no espaço escolar e no espaço familiar do silenciamento e apagamento das identidades das crianças para, também, nesse processo, entender o silenciamento de professoras que outrora foram essas crianças.

Com base no texto de Stuart Hall (2003) *Identidade cultural nos pós modernidade*, buscamos compreender o processo de construção das identidades no convívio das diferenças, assim como, as negociações sociais para acessar e transitar nos espaços que convencionou-se denominar de pós-modernidade⁸. E, através dos mesmos autores, analisamos em que contexto social e estético está a mulher negra, assim como manobras e negociações para que acessem espaços que não eram permitidos, pois esbarravam, quiçá ainda esbarrem, na barreira formada por classe, raça e gênero.

⁸“O pós-moderno, enquanto condição da cultura nesta era, caracteriza-se exatamente pela incredulidade perante o metadiscurso filosófico-metafísico, com suas pretensões atemporais e universalizantes”. (LYOTARD, 2009, p.08)

No capítulo 1, *Histórias de vida me interessam*, transcrevemos e analisamos as entrevistas para pontuar as motivações e necessidades dessas professoras negras no processo que intersecciona ensino e militância. Assim, esse capítulo está dividido em três relatos, da seguinte forma:

1. História 1 - mulher preta “Representatividade: Africarte 10 anos”
2. História 2 - Mulher preta “No comando”
3. História 3 - Mulher preta “Da literatura ao bloco afro”

Sobre os artefatos educacionais para a intervenção, construímos um *blog* <https://pinamoye.wordpress.com/> que é um espaço de compartilhamento, troca e subsídio para auxiliar e dar visibilidade aos fazeres pedagógicos. Nele será continuamente compartilhado material de apoio pedagógico. Vídeos, filmes, livros, eventos, ideias relacionadas ao ensino de arte africana, afro-brasileira, diversidade e temas contemporâneos será um produto colaborativo onde todxs poderão manipular afim de ampliar a quantidade de material. A escolha do blog foi feita de forma proposital o município de porto seguro existem muitas comunidades relativamente distantes entre si e ativas como a mídia a internet alcança a todos o blog será uma ferramenta de compartilhamento afim de aproximar as ações desenvolvidas nas comunidades e nas escolas.

Outro produto educacional interventivo será a criação de um grupo de formação direcionado às professoras da educação infantil e anos iniciais (fundamental I), com a proposição de estudarmos e construirmos propostas para trabalhar as relações raciais em todas as áreas do conhecimento, o grupo se chamará “*pin imoye*” que, em ioruba, significa “compartilhar saberes”. Esse grupo se encontrará periodicamente para fins de estudos das temáticas inerentes à proposta, análise de textos, criação de material pedagógico, sequências didáticas, etc. Esse grupo estará ligado e se comunicando a partir do Blog citado acima e das redes sociais digitais.

Todo esse material será apresentado/ofertado para a secretaria Municipal de Educação como proposta de inclusão em seu curso de formação de professores que acontece durante todo o ano letivo para de tal modo fazer parte da grade curricular da mesma.

2 MULHERES NEGRAS E DOCÊNCIA: História e Formação no Brasil

No Brasil, o ingresso e o desenvolvimento, bem como a ascensão e o reconhecimento de pessoas pertencentes a grupos sociais de negros e mulheres negras na educação, assim como nas demais profissões, são caracterizados por dimensões raciais e de gênero. Pode ser que na educação isso seja exposto com maior virulência, observe-se que Foucault (1999) afirma que a escola como *lócus* principal da educação é um dos três instrumentos de controle social do Estado, nela a sociedade aprende velhos ou novos hábitos, reafirmam-se velhos ou novos valores. Na análise foucaultiana, os dois outros instrumentos de controle seriam a prisão como forma de criar e deter o delinquente e o hospital que cria a patologia.

Nesta perspectiva de análise do papel da escola, para Althusser (1998), a escola é um dos *aparelhos ideológicos do Estado* que garante a permanência do sistema dominante através da reprodução dos seus sistemas econômicos e ideológicos, dessa forma, uma das funções da escola seria a garantia da manutenção do *status quo* por meio da ideologia. Nesse sentido, a escola assumiria função central, visto que é a instituição que atinge um maior número de pessoas por um período prolongado de tempo.

Dessa maneira, parte de meu objetivo é pensar sobre os parâmetros sociais baseados em valores pautados no racismo que contribuíram e dificultaram o acesso à educação de pessoas fundamentado em marcadores de raça e gênero. O racismo e a difícil inserção do negro na sociedade brasileira são partes de um processo histórico lento e constante. Por esse motivo, é pertinente apresentar uma compreensão de alguns aspectos relacionados ao gênero e à raça na educação para, em seguida, discutir a inclinação para as mulheres negras nesse campo, sob a justificativa de se constituir um debate indissociável para esta pesquisa.

Ao lançar o olhar para o gênero na educação, verificamos que essa temática representa um ponto latente de discussão que endossa os porquês da presença feminina negra nesse âmbito de ensino. No presente estudo, tratamos da mulher enquanto categoria social, isto é, do gênero (político) e não da categoria biológica, investigaremos o gênero feminino em suas especificidades na carreira docente. Nesse sentido, falar sobre docência (magistério) e mulher negra é retratar o que Gomes (1996) chama de *quebrar o ciclo vicioso* que retira a mulher negra de lugares de subalternidade para colocá-las numa posição de regência. É deter o poder da fala, como nos afirma Fanon (2008, p. 33) “falar é existir

absolutamente para o outro”, ou seja, ser professora é escapar do lugar de invisibilidade e deter o poder da narrativa, é existir, é ser vista. Sobre esse tema, Gomes nos afirma que:

A trajetória de vida de professoras negras é marcada pela negação/afirmação do ser negro, pela constante luta em prol da sobrevivência, pela procura do magistério enquanto campo profissional que poderia redimensionar a sua história enquanto mulher negra, levando-as a exercer outra profissão que não seja de faxineira, doméstica, lavadeira entre outras que já fazem parte da trajetória das mulheres negras do passado e ainda e ainda se fazem presente na realidade atual de tantas outras. (Gomes, 1995, p.113).

O que não é nada diferente das constatações feitas pelas entrevistadas desta pesquisa. Nenhuma das entrevistadas relatou não sonhar com a docência, mas, acabaram por escolhê-la por influência familiar ou falta de opções, como nos diz uma das entrevistadas:

[...] meu sonho de criança... (silêncio) bem! Eu queria ser jornalista porque eu era fã de Gloria Maria (apresentadora da TV Globo) eu a via e falava: - É isso que eu quero. Mas as dificuldades me empurravam para profissões mais acessíveis, inclusive eu voltei a estudar com 29 anos porque casei nova, com 19 tive filho e não conseguia estudar, só trabalhava, um dia eu pensei: “Caraca! Eu tenho que estudar, tô ganhando muito mal”. Trabalhava 14 horas por dia, daí comecei estudar para o vestibular, quando eu passei tinha 28 anos mas não tinha jornalismo, eu prestei vestibular em Sergipe que tinha jornalismo e em Vitória da Conquista para Letras. Passei nas duas, só que escolhi optar pelo que seria mais acessível, em termos né?! Porque eu tinha que caminhar duas horas pra ir e duas pra voltar porque não tinha dinheiro para pagar o ônibus e aí não tinha como me mudar pra Sergipe com filho e sem trabalho, sem bolsa. Mas acabei me apaixonando pelo curso de Letras, mas não era o que eu sonhava não. (RELATO DA PROFESSORA E. S.)

Ainda sobre:

Meu sonho não era pedagogia eu sempre disse pra minha mãe que eu seria uma médica e pediatra, mas na minha cidade, Arataca (risos), só existia, no caso, a formação que era o magistério e contabilidade então eu fiz o magistério, mas queria ser médica e minha mãe sempre se cobrou pois ela não conseguiu dar isso pra mim. (RELATO PROFESSORA G. C.M)

Além das dificuldades de acesso à escola por vários motivos, essas mulheres ainda esbarram na precariedade da oferta, isso significa que não foram dadas a elas as mesmas oportunidades, fazendo com que escolhessem à docência como a forma mais acessível para sair de uma condição colocada para essas mulheres pela sociedade. Ser mulher negra no Brasil é uma luta constante para derrubar os muros dos estereótipos construídos, ser mulher negra e professora no Brasil é, nas palavras de Neusa Santos (1983): “ser negro não é uma condição dada a priori é vir a ser, ser negro é tornar-se negro” apesar de não ter um recorte de gênero me aproprio desta narrativa e faço este recorte para dar um contexto intencional que faz com que a condição de tornar-se contribua para dá consistência intencional.

Nilma Lino Gomes (1995) explica que enquanto mulher negra é necessário “traduzir diferentes conflitos: raciais, de gênero, sociais e políticos. É entender a experiência ancestral de ter sido massacrada, confinada, submetida a exigências alienadas”, porém transitar nesse espaço social de poder é ter condições de resgatar, recriar e reconstruir sua história com potencialidade.

Portanto, delinear os caminhos que levam às respostas, talvez, constitua-se numa tarefa complexa, especialmente considerando um contexto histórico que definiu funções sociais para o homem e para a mulher, em que suas atribuições são mutáveis, enveredadas nas diferentes instituições. Nesse sentido, concorda-se com Guacira Lopes Louro (1997), para quem as diversas instituições e práticas sociais são compostas por gênero, em uma relação de simbiose complementar, ao deslindar por sua inserção em uma mão dupla, na qual um constitui o outro, balizando-se nas representações de gênero, étnicas, sociais, de classe etc.

Dessa maneira, frente à realidade desta pesquisa, trabalhei com a afirmação de que a escola é predominantemente um espaço feminino e, para tal, é relevante o amparo nas proposições de Louro (1997), quando relata que algumas pessoas afirmaram com toda certeza que a escola é marcadamente feminina, justificada pelo fato de que este é um lugar onde, fundamentalmente, as mulheres atuam. Suas funções nessa instituição se desdobram de diferentes maneiras: são elas quem organizam e ocupam o espaço; são elas as professoras; quem prestam os cuidados e vigilância às alunas e, sobretudo, são as responsáveis pela educação.

À outra margem, o homem. Assim, outras pessoas responderiam que a escola é masculina, uma vez que, nesse local, lidam-se primordialmente com o conhecimento, este historicamente considerado uma produção do homem, esse “homem” significa o modelo hegemônico branco, hétero, burguês e cristão que a sociedade construiu e que homens e mulheres sejam branco ou pretos têm reproduzido, seja por convicção, preconceito, embaquecimento ou falta de conhecimento crítico.

A autora ainda argumenta que, embora haja o estudo dos corpos sexuados de homens e de mulheres, o foco dos estudos de gênero não são as diferenças biológicas, mas as construções sociais e históricas resultantes de suas características biológicas. Diante do

exposto, cabe salientar em que contexto o significado de gênero foi tratado. Sobre este aspecto, Souza comenta que:

O conceito de gênero surgiu entre as estudiosas feministas para se contrapor à ideia de essência, recusando assim qualquer explicação pautada no determinismo biológico, que pudesse explicar os comportamentos de homens e mulheres, empreendendo desta forma, uma visão naturalizada, universal e imutável dos comportamentos. Tal determinismo serviu muitas vezes para justificar as desigualdades entre ambos, a partir de suas diferenças físicas. (SOUZA, 1995, p.03)

Portanto, verifica-se que o termo gênero emergiu frente a uma necessidade de decompor a visão normativa da sociedade em que os sujeitos eram frutos da determinação biológica. Sabe-se que as pessoas não nascem homens ou mulheres; sua cultura é cercada por identidades sexuais e de gêneros, estabelecidas discursivamente, antes mesmo do nascimento e que, a partir das imposições da sociedade, os corpos são significados como sendo homens ou mulheres.

Nessa perspectiva, os indivíduos que ultrapassam essas normas são entendidos como anormais/desviantes, em que os direitos daqueles considerados “normais” são restritos a esse público. Foi esse cenário de inconformidade dos papéis sociais que burilou a reivindicação de uma cidadania feminina balizada em igualdade com a masculina.

Assim, esta diferenciação inserida no seio da sociedade concebeu uma organização social demarcada pela diferença social percebida. A partir deste entendimento, Scott (1995) coloca que, não necessariamente, o gênero reflete ou implementa distinções físicas fixas e naturais entre homens e mulheres, mas, sim, constitui-se como o saber que atribui significados para as diferenças culturais, sociais e temporais, uma vez que nenhuma característica corporal determina de maneira univocamente como a divisão social será constituída.

Conforme argumenta a professora Guacira Louro (1997), as características relacionadas à profissão docente brasileira colocaram as escolas como instituições conduzidas por docentes homens que somente a partir de diversas contradições sociais, ao longo da segunda metade do século XIX, que foi se estabelecendo um cenário para que florescesse a prevalência de mulheres no ensino e, aos poucos, constituiu-se um campo em que figuraram como maioria.

Para apresentar o contexto das mulheres negras transitando pela docência, e ramificando-se por sua história e formação no Brasil, é relevante recorrer a alguns dados estatísticos recentes, que trazem informações que traduzem a subordinação interseccional que esse segmento populacional está sujeito. Ao lançarmos o olhar para questionar a figura da mulher negra na escola nos deparamos com a posição de faxineira, merendeira, etc.

Quando Gomes (1995, p. 151) nos apresenta o discurso do ser professora como algo desejado não apenas por essas mulheres, mas também pela família, visto que é o mais próximo do sucesso que elas podem alcançar, como, por exemplo, na seguinte frase “...você nunca vai ser servente. Você há de ser professora...”, a autora questiona: o que levou essas mulheres a optar pelo magistério, qual o grau de liberdade dessa opção? Assim, nos confirma o relato de uma das entrevistadas:

Quanto a questão da formação de magistério apesar de minha família já ter advogado e pastor, quando eu me formei foi um orgulho sim na minha família era tipo: - Ah! a filha de fulano é professora! Tinha um certo prestígio sabe? (Relato da professora entrevistada G.C.M).

Dessa maneira, visando estimular reflexões acerca dos diferentes ângulos que se estrutura o retrato das desigualdades de gênero e raça, como o campo da educação, do trabalho, da saúde, do espaço doméstico, enfim, um compilado de fatores que revelam diversas desigualdades, nos dados encontrados no último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), as mulheres negras representam cerca de 25% da população total brasileira. Quando recortados somente para a população feminina, os dados evidenciam que as mulheres negras brasileiras compõem pouco mais de 50% desse total, quando consideradas as diferentes raças.

Para além das estatísticas descritas, as mulheres negras estão sujeitas a diversas situações de vulnerabilidade, ramificadas historicamente. Ao colocar em relevo o panorama desse segmento populacional no Brasil, Santos (2010) discute as adversidades enfrentadas pelas mulheres negras. Assim, complementa que “a história nos revela que desde a escravidão, o Brasil tem violado o direito das mulheres negras utilizando-se da exploração de seu trabalho e da apropriação de seus corpos para a exploração sexual e reprodutiva” (idem, p. 278).

A figura da mulher negra ainda é cercada por estereótipos. Nesse sentido, em sua obra, Oliveira (2006) argumenta que a mulher negra é representada, em muitas situações,

por estereótipos e conceitos que legitimam a inferioridade criada e as desqualificam como sujeitos do pensamento, impondo sobre elas as imagens de escrava, doméstica, lavadeiras, mães pretas, mulatas e outros papéis que reforçam uma inferioridade e/ou subalternidade. Veja no depoimento de uma entrevistada como nos ajuda a entender essa história:

Outra lembrança que eu tenho foi quando eu já estava no terceiro ano do ensino médio, eu fiz um curso de auxiliar de escritório, então as empresas iam na escola pegar os alunos com as melhores notas e oferecia no último ano um estágio na Secretaria da Fazenda, eu fui selecionada e fui me apresentar para o estágio, o pessoal me questionava se era eu mesmo com aquelas notas. “Mas quem mandou você aqui?”, me perguntavam. “A direção da escola”, eu respondia. Pediram meu documento pra confirmar se era a mesma pessoa do boletim, eles relutaram em aceitar. Eu preenchi a ficha e fiquei na ante-sala esperando pra conhecer quem seria meu chefe, daí chegou uma funcionária e falou assim:

tô precisando de alguém na minha casa pra fazer faxina e cuidar da minha filha.

Eu: tá bom.

Ela: então você quer ir?

Eu: não.

Ela: porque não quer ir?

Eu: por que vou estagiar vou começar aqui hoje.

Ela: você? Estagiar aqui? Essa coisa sabe, você com as melhores notas da escola você estagiando na secretaria da fazenda como assim que bagunça é essa? (Gargalhadas)

[...] outra lembrança que tenho era na quinta série, uma professora, até hoje eu não gosto dela, até hoje eu não esqueço, ela me tirava da sala pra ir cuidar do filho dela, tomar conta e voltava para a escola isso ficou muito marcado e no dia do resultado final, eu acabei perdendo e fiquei de recuperação. Ela me chamou de burra na frente de todo mundo. (relato da professora entrevistada E. S.)

Na vida real, essa inferioridade é reflexo da edificação do pensamento de uma supremacia branca (pele de cor clara), segundo tal pensamento, estes (os brancos) naturalmente merecem ocupar os melhores espaços e privilégios. Como nos afirma Gomes (1995), em um país moldado pelo cruzamento da tríade patriarcalismo⁹-escavidão-racismo,

⁹ Utilizaremos aqui o conceito de patriarcalismo elaborado pelo sociólogo Manuel Castells: “O patriarcalismo é uma das estruturas sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas. Caracteriza-se pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre a mulher e filhos no âmbito familiar. Para que essa autoridade possa ser exercida, é necessário que o patriarcalismo permeie toda a organização da sociedade, da produção e do consumo à política, à legislação e à cultura. Os relacionamentos interpessoais e, consequentemente, a personalidade, também são marcados pela dominação e violência que tem sua origem na cultura e instituições do patriarcalismo. É essencial, porém, tanto do ponto de vista analítico quanto político, não esquecer o enraizamento do patriarcalismo na estrutura familiar e na reprodução sócio-biológica da espécie, contextualizados histórica e culturalmente”. (CASTELLS, 2001, p.171)

o reflexo está na produção do desenho de histórias diferentes entre mulheres negras e brancas. E sendo assim, nas proposições de Carneiro (2005), no período colonial, a mulher negra era compreendida como a trabalhadora adequada para os serviços desumanizantes, descritas como lascivas e promíscuas, como a mãe-preta e/ou mulata com sexualidade exacerbada. Do outro lado, porém, a mulher branca era descrita como musa, santa, pessoa para ser exaltada e adorada, sexo frágil. Levando-se em conta o contexto de formação do Brasil, a autora ainda aponta que a mestiçagem era apreendida como um caminho para o progresso do País, em que a ascendência africana era pulverizada como algo negativo que deveria ser apagado gradativamente.

Posições defendidas por vários autores que ganharam notoriedade na época com suas teorias racialistas como Oliveira Viana (1933) e Arthur Ramos (1954). E, apesar das mulheres romperem com as barreiras das posições impostas pela sociedade, Gomes (1995, p. 151) informa que elas não têm a consciência deste ato libertário e simbólico.

Conforme Müller (2006) coloca, na sociedade brasileira, as características físicas das pessoas, como cor de pele, tipo de cabelo, etc., são empreendidas como indicadores de diferenças e desigualdades. A autora ainda afirma que o indivíduo que possui a pele escura é tratado como um sujeito inferior, seja de inteligência ou de valores morais. Isso pode estabelecer um imaginário social negativo em relação à população negra, que se desdobra, inclusive, para o campo educacional, no espaço escolar tanto no que diz respeito ao trato quanto nas produções epistemológicas.

Portanto, fica evidente que os trilhos traçados pela escrita da história da mulher negra são complexos, em função do processo de inferiorização dessas pessoas. Ser mulher negra, então, é experienciar a interrelação entre o sexismo e racismo, e, nessa conjuntura, as mulheres buscam estruturar formas de organização na intenção de fortalecê-las para delinear a reescrita de suas histórias. Para tanto, ancoram-se em seus contextos de luta em busca da cidadania, com a intenção de eclodir com as estruturas do universalismo ocidental que as inferiorizaram ao longo do tempo. Logo, ser uma mulher negra no Brasil é viver em constante acumulação de lutas, avanços e retrocessos de aceitação e negação de origens, algo muito “embolado”, pois assim como por vezes afirma, por outras negam suas origens étnico-raciais.

Isso está em sincronia com as ideias de Ribeiro (2003), quando a autora afirma que isso se relaciona com a construção da identidade de raça e de gênero, e justifica que um novo desenho da própria história somente é possível quando a mulher negra se sente valorizada. Assim, não é suficiente sentir-se incomodada com a opressão e processos de violência sentidos; torna-se necessário sentir-se valorizada por suas habilidades, por suas competências e características. Não obstante, isso depende de mecanismos de resistência, seja na dimensão individual, familiar ou comunitária, balizados no resgate da história, ancorado no reconhecimento da contribuição dos negros e mulheres na construção da riqueza e da cultura do país, salvaguardadas as diferenças entre os povos.

Trazendo para o âmbito da educação, a discussão sobre gênero e raça revela que esses conceitos não são unicamente construções identitárias apreendidas. Desta forma, representam categorias imersas nas instituições sociais, configurando-se como categorias de análises, essenciais para a concretização de estudos no campo da educação e, sobretudo, na história da educação. Uma análise sobre o processo histórico do ingresso das mulheres na docência evidencia que sua evolução é demarcada pela pouca valorização e pela precarização dessa carreira.

Debruçando-se sobre o estudo da categoria professor com base no recorte sexo e cor, Teixeira (2006) verificou que há desigualdades acentuadas na ocupação do magistério no Brasil, especialmente a partir do cruzamento dessas duas categorias. Assim, sinaliza que o ensino fundamental é predominantemente conduzido por mulheres, com maior inclinação para as negras. Esse mesmo movimento de sobreposição quantitativa de pessoas negras é exposto quando analisados os homens nessa categoria de ensino.

Ao se verificar os estudos que versam sobre a história da educação das mulheres negras e sua inserção na carreira docente, nota-se que, para esse público, à docência representa um espaço de poder, enveredando um lugar engenhoso e de resistência contra uma sociedade excludente, amparando-se nas relações de raça, de classe e de gênero. Isso é confirmado quando Ribeiro (2003), ao visitar a obra de Hypólito (2010), coloca que a consolidação da mulher no magistério ocorreu não somente em função de interesses estruturais da sociedade ou uma tendência entendida como natural de que as mulheres são mais adequadas para a educação formal de crianças. Argumenta que isso aconteceu porque essas mulheres viram nesse campo a possibilidade de realizarem uma projeção social e

política. Nessa direção, construiu-se um espaço de autonomia conquistado, e não como um espaço estruturado por uma sociedade machista.

No entanto, Gomes (1995) sinaliza que muitas dessas mulheres não reconhecem que esse lugar está associado a quebra de um “*círculo vicioso*” que as colocam em lugares subalternizados quando cita “constatei que as professoras não associam a escolha profissional do magistério a uma conquista e o rompimento do lugar a ela imposto”. Isso nada mais é do que resultado do silenciamento, do embranquecimento, do mito da democracia racial inculcado na subjetividade dessas mulheres e da sociedade como um todo. Esse silêncio que perpassa as fronteiras do tempo dentro da vivência em família e chega até a escola como nos explica Cavalleiro (1998):

Predominância do silêncio nas situações que envolvem racismo, preconceito e discriminação étnicos, o que permite supor que a criança negra, desde a educação infantil, está sendo socializada para o silêncio e para a submissão. Mais grave, ainda, a criança negra está sendo levada a se conformar com o lugar que lhe é atribuído: o lugar do rejeitado, o de menor valia. (CAVALLIERO, 1998. p.9)

E como nos confirma uma de nossas entrevistadas ao relatar lembranças de sua fase escolar quando era apelidada pelos colegas de classe:

[...] me lembro de um dia que eu tive uma diarreia e os menino ficavam me chamando de *nega cagona* e não me lembro de professor nenhum me defender, saíram da escola e me acompanharam até em casa gritando, eu cheguei em casa e minha vó me chamou e me levou no fundo, me eu banho e cuidou de mim, conversou comigo e eu chorei muito isso ficou marcado na minha vida. (relato da professora entrevistada G.C.M)

Tanto a autora quanto o relato nos permitem refletir sobre um ciclo de silêncio e de falta de conhecimento e até mesmo de representatividade que se repete na vida dessas mulheres que vêm do lar e chegam até à escola, como nos confirma Gomes (1994) que em uma de suas entrevistas constatou a falta desse corpo negro visual e identitário na sua sala de aula quando uma entrevistada afirma “*Eu nunca tive professores negros. Que eu me lembre nunca tive professor negro na minha vida[...]*”, ou seja a falta de lembranças dessa presença física e/ou política de professores negros contribuiu para o processo de não-lugar dessa profissional.

É esse tipo silêncio que acompanha as mulheres negras, que nelas habitam até a fase adulta e enquanto professoras, é ele que elas reproduzem sua relação professora/alunado, que reflete na relação aluno/aluno e nas construções das práticas pedagógicas. Cavalliero (1998, p. 9) diz que a escola é um ambiente socializador, porém, “[...] a criança negra desde

a educação infantil está sendo socializada para o silêncio e para a submissão”. A autora afirma que em sua pesquisa se questionou sobre as situações de racismo e preconceito presenciadas pelas educadoras dentro da escola e o porquê da escolha do silêncio como posicionamento:

[...] talvez por não saberem lidar com tal problema preferiram o silêncio. Também me questionei sobre a possibilidade desse silêncio decorrer de o fato desses profissionais compactuarem com essas ideias preconceituosas”. (Cavalliero, 1998, p.11)

Em uma linha de análise semelhante, Santana (2004) discute que a presença de mulheres negras na docência é o reflexo do rompimento de diversas barreiras colocadas à população negra no Brasil, especialmente nos campos educacional e profissional. Dessa maneira, o exercício docente, ainda que seja compreendido como uma função desprestigiada, representa uma retirada dos lugares reservados por um sistema racista da sociedade.

A inter-relação existente entre raça e gênero faz com que o campo da docência se configure por representações diferentes para as mulheres negras. Desempenhar um papel na educação estrutura-se como uma possibilidade de dissolver as estruturas de opressão enraizadas a partir das hierarquias de identidade. Nessa conjuntura, Gomes (1994) salienta que, ao tornar-se professora, a mulher negra acabou saindo de um lugar preestabelecido pelo pensamento racista de seu contexto e pelas condições socioeconômicas de uma relevante parcela da população negra brasileira.

Desta arte apresentada neste capítulo, penso que buscar historicizar uma trajetória quase que comum da figura feminina negra dentro das paredes educacionais em consonância com as estruturas de poder dentro das demarcações deste país para fazer entender que esse processo se fez de uma forma limitada para esse grupo, isso faz que no próximo capítulo vejamos esse sujeito portador de uma identidade acessa e transita nas avenidas da docência e quais negociações precisam fazer para que esse trânsito ocorra pois necessitam lidar com uma bagagem peculiar aos indivíduos que não passaram pelo processo de subalternização histórica como foi a construção da percepção sobre o objeto investigado e como se estrutura as invisibilidades raciais no Brasil, principalmente no campo da educação.

3 IDENTIDADES E NEGOCIAÇÕES: professoras negras na pós-modernidade

Para entender e discorrer sobre este capítulo precisamos pontuar algumas questões em relação às identidades para compreender a dinâmica em que está inserido este texto. Ao falarmos sobre identidades, é importante nos debruçarmos sobre a obra *A Identidade Cultural na pós-modernidade* (2003) de Stuart Hall. O autor historiciza a noção de identidade na sociedade em três concepções diferentes, onde o *sujeito do iluminismo* foi constituído a partir da ideia de que a identidade, como enxergamos, era inerente e indissociável ao ser humano, algo que já nascia com ele. Como argumenta Hall (2003, p. 11) “[...] a pessoa humana como indivíduo totalmente centrado unificado, dotado das capacidades de razão, da consciência e ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia”, ou seja, toda as características próprias referentes à identidade e comportamento do sujeito era algo que já o acompanhava desde o nascimento, exemplo: caráter, comportamentos, índole etc, esse pensamento define e/ou limita a identidade como comportamento imutável, que fazia parte do ser humano desde seu nascimento sem influências exteriores.

Porém, com os avanços do mundo moderno a identidade passou a ser pensada através da sociologia, ou seja, como algo construído pela sociedade. Dessa forma, o indivíduo passou a ser visto como ser social que necessitava da socialização para construir sua identidade, “a identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o interior e o exterior, entre o mundo pessoal e o mundo público” (*ibidem*).

Contudo, para dialogar com o sujeito desta pesquisa, surge a necessidade de pensar a identidade do sujeito na pós-modernidade, que consiste em algo que pouco ou quase nada tem a ver com as anteriores. Hall (2003) explica que a identidade do sujeito pós-moderno é algo totalmente fragmentado e sofre influências de culturas, movimentos, lugares e comportamentos distintos, ou seja, a identidade não é algo estático que nasce com o sujeito e/ou pouco tem a ver com o social, ela é flexível e depende dos comportamentos, podendo ser mutável a partir da interação desse indivíduo em diferentes ambientes e contatos com culturas e saberes diversos.

Mas o que tem a ver esta concepção com a proposta desta pesquisa? Ao nos aproximarmos das professoras negras a quem foi proposto a pesquisa, pude dialogar e

entender o lugar, ou melhor, o não-lugar das identidades pós-modernas dessas mulheres. O legado da escravidão e da subalternização do corpo negro feminino traz marcas próprias que transparecem na construção das identidades dessas mulheres. Se a identidade na pós-modernidade é fragmentada, como se identificam essas mulheres negras nessa sociedade da não existência? A mulher negra está no lugar do não-ser: não ser vista, não ser ouvida, não ser juíza, não ser médica, não ser preferida, não ser a universidade etc., e isso a afeta, silencia e apaga as suas identificações. Estar no lugar de professora, na maioria das vezes, não coexiste com a identidade negra dessas mulheres, pois elas precisam negociar, se apagar para “existir” em alguns espaços de poder e visibilidade.

Ainda sobre a identidade, Silva (2000) argumenta que essa se edifica a partir da interdependência entre semelhança e diferença, e vice-versa. Discorre que a diferença que grifa essa identidade pode despontar conflitos, nas situações em que essas diferenças são apreendidas por determinados grupos como mais importantes que as demais. Como exemplo, cita as diferenciações que se apresentam como gênese do preconceito de cor, de classe social, de origem, dentre outras atitudes entendidas como discriminatórias. Nessa conjuntura, os sujeitos são convocados a ocupar essas identidades, e dessa maneira o fazem.

A noção de que as versões de identidades são construídas baseadas nas diferenças, levanta questões sobre estabelece-las como um ato de poder na qualidade de constituição social. Isso é explicado por Hall (2003), ao utilizar-se das ideias de Ernesto Laclau, afirmando que uma identidade somente pode se firmar a partir da repressão daquilo que a ameaça. Nesse meandro, a constituição de uma identidade encontra-se firmada no ato de excluir algo, de determinar uma hierarquia entre dois polos resultantes como, por exemplo, homem/mulher e/ou branco/negro. Essa relação mostra que, aquilo que for peculiar ao primeiro termo, será assim reduzido à função de acidente, como forma de oposição à essencialidade do primeiro termo.

Essa mesma ideia pode ser estendida para a relação negro/branco, em que o branco é equivalente a ser humano e, o negro é evocado como marca em contraposição com os termos não marcados do branco. Nas ideias de Laclau, percebem-se as armadilhas das dualidades do mundo, como homem-mulher, negro-branco, compondo um processo de inclusão e exclusão no qual determinadas marcas reportam-se à essencialidade de um, porém, não do outro. Essa dinâmica coloca as pessoas diante do poder e do empoderamento

de alguns sujeitos. Nessa conjunção, as identidades são engendradas e retroalimentadas diante da dualidade, das relações de poder e de posicionamento.

Ainda discutindo as identidades, Hall (2005) sinaliza que o indivíduo assume identidades diferentes em momentos distintos, sob a justificativa de que as identidades representam um ponto de encontro nos quais discursos e práticas discursivas se tornam latentes. Assim, inter cruzam-se e conclamam-se, convidando as pessoas a apropriarem-se de um lugar enquanto sujeitos histórico-sociais. Frente a esses argumentos, temos que as identidades representam pontos instáveis, e que, por isso, pode-se aludir que esse lugar e essas posições ocupadas pelos sujeitos estão em constante movimento, revelando sua plasticidade, no sentido de ser mutável diante dos mais variados discursos a que o indivíduo se inclina e os diversos papéis sociais por ele desempenhado.

Retomando Hall (2005), tem-se que a identidade é um conceito pouco desenvolvido e pouco compreendido na ciência social contemporânea, motivo pelo qual não pode ser colocada definitivamente à prova. Isso posto, em sua obra, *A identidade cultural na pós-modernidade*, ele postula a existência de uma crise de identidade, resultante da mudança estrutural que vem transformando a sociedade moderna. Dessa maneira, as paisagens culturais de classe, sexualidade, gênero, raça, etnia, dentre outras, acabam sendo fragmentadas, quando, no passado, forneciam sólidas localizações para os sujeitos enquanto indivíduos sociais.

Esse movimento, então, apresenta relações com as alterações das identidades pessoais, desestruturando a ideia de que as pessoas se constituem como sujeitos integrados, algo denominado de *deslocamento* ou *descentração do sujeito*. Sendo assim, tem-se a possibilidade de o indivíduo arquitetar o que Hall chama de crise de identidade, a partir de sua descentração de seu lugar no mundo social e cultural, como de si mesmo.

Hall (2005) ainda nos mostra que a crise de identidade se configura como o processo de mudança e de fragmentação da modernidade. Ensina que a concepção de identidade do sujeito pós-moderno se coloca de maneira perturbadora, haja vista que não representa um conceito estático, acabado, mas, encontra-se sempre em estado de mudança. Nessa perspectiva, o autor sugere que, na modernidade, em vez de utilizar identidade como um termo pronto e acabado, é interessante falar de identificações, percebendo-as como um processo inconstante, que pode ser mudado. Defende que a identidade representa um

constructo elaborado ao longo do tempo, de forma inconsciente, e não algo resultante da consciência no momento do nascimento.

Assim, depois de apresentar algumas concepções sobre identidade a partir de Stuart Hall, prosseguiremos, agora, com a intenção de realizar as interfaces da identidade de professoras negras. No entanto, consideramos a temática aqui exposta um desafio, reverberada por uma diversidade de ramificações que transitam pelas relações históricas e sociais que influenciam e alteram formas de ser, viver e estar no mundo de um dado grupo de pessoas. Como podemos ver através de um trecho do relato de uma de nossas entrevistadas:

Na primeira série tinha uma outra professora que eu já não gostava muito dela, tinha um afastamento em se tratando principalmente das meninas e meninos negros, a gente tinha tipo um gueto na sala de aula, eram os alunos negros que se juntavam e sentávamos sempre no mesmo lugar e isso foi se arrastando para as outras séries. (relato da professora entrevistada G.C.M)

Assim, pensar a identidade negra consiste em refletir sobre uma complexidade que abarca os aspectos mais íntimos do ser negro diante das relações de negação e de silêncio de si e do outro. As contribuições dos autores apresentados até aqui permitem inferir que as diferentes identidades são estruturadas a partir da interação com diferentes sujeitos. Sendo assim, é relevante considerar que a complexidade no debate que envolve a constituição da identidade negra encontra-se também intrínseca às relações de raça. Nesse sentido, destacam-se as ideias de Silva (2005), ao considerar que, no que se refere à sociedade brasileira, não é possível deixar à parte a dinâmica das relações raciais quando pretende-se discutir identidade, uma vez que a construção da identidade envolve a relação com os indivíduos e nessa relação que, na maioria das vezes, é turbulenta, conflituosa e traumática que se formam uma identidade, seja para negar ou para afirmar em relações interpessoais em um contexto de racismo estrutural. Podemos entender melhor através dos relatos de nossas entrevistadas quando dizem:

Sobre minhas lembranças de infância, nunca tive diferença em casa por eu ser negra, fui criada com muito amor e respeito, as pessoas falavam sempre na rua pois minha mãe era branca dos olhos claros, então as pessoas sempre questionavam se eu era adotada [...] me incomodava com os comentários e brincadeiras sobre meu cabelo crespo, comentário tipo “você não penteia não?”, dentre outras coisas. (Relato da professora entrevistada M. M. B)

[...]então, assim, nessa relação enquanto criança no contexto da rua existia sim coisas tipo essa: *Neguinha tífute!* E eu partia para cima, sempre brigava dava porrada em todo mundo; lembro que existia uns meninos, uns brancos lá, acho

que eles eram do Espírito Santo, e toda vez que eu passava me chamava de *neguinha Saci Pererê, tia Anastácia*[...] (relato da professora entrevistada G.C.M)

Portanto, é no bojo das inter-relações e relações raciais que cada indivíduo é concebido, revestido de elementos como história, cultura e ideologia, nas quais brancos e negros compartilham o mesmo contexto e apreendem formas de ser e estar uns com os outros. São essas formas que podem desenhar caminhos mais igualitários ou conduzir as pessoas ao racismo e ao preconceito. Nesse cenário, os sujeitos estão inseridos em um contexto social, conduzido por um jogo de interesse e poder, do qual um grupo busca favorecimento em detrimento do outro. Essa ideia é partilhada por Freire (2005) quando o autor coloca que os seres humanos se movem na mesma água, muitas vezes, sem perceber quem é o outro.

Quando se fala em identidade negra na pós-modernidade, necessário se faz mencionar o corpo como um dispositivo relevante para o *Eu* e para a auto-identidade, especialmente para a identidade negra, comumente cercada de marcadores identitários no corpo como, por exemplo, a cor da pele, o cabelo e o nariz. Nessa perspectiva, Giddens (2002) contribui para a discussão ao afirmar que o corpo representa algo simples face à complexidade do que é o *Eu* e a auto-identidade. Isso me faz refletir sobre a fala de uma das professoras entrevistadas ao dizer que quando ofendida ela “*mandava porrada*” porque não “*gostava do que eu via no espelho*”. Podemos pensar então que essa massa física concreta caracterizada como corpo, leva consigo marcas que estampam muito acerca do sujeito, podendo-se citar como exemplos as maneiras de vestir, falar e andar, enfim, diferentes formas que acabam por compatibilizar pertencimento cultural e social.

Gomes (2003) explica que o corpo é submetido a um processo de humanização e desumanização a cada momento que é tocado ou passa por alguma alteração. Nesse contexto, o corpo negro, com o que ele carrega de mais expressivo (cor da pele), representa um dos principais indicadores do pertencimento étnico-racial concebido culturalmente pela sociedade brasileira que encadeou artifícios para negar a existência do negro, conduzindo-os em busca da ressignificação do seu próprio eu em prol de uma imagem positiva e fortalecimento da própria identidade. Gomes (2003b) sinaliza que um dos maiores desafios enfrentados pelos negros no Brasil perpassa pela construção de uma identidade negra positiva diante de uma sociedade que, em seu contexto histórico, ensinou o negro que, para ser aceito, é necessário negar-se a si mesmo.

No caso da sociedade brasileira, concordamos com a autora, pois, mesmo com as lutas e conquistas da população negra, a visão de seu contexto histórico revela que essa sociedade ainda tem muito o que avançar na compreensão de que é necessário discutir sobre o negro em nosso país. Além disso, sabe-se que a convivência sem preconceito racial não será possível sem que haja estranhamento, haja vista que os trilhos para o caminho da igualdade somente serão possíveis com base na coragem de se falar sobre o assunto e, principalmente, quando as pessoas assumirem práticas de superação das desigualdades raciais.

Nessa direção, é pertinente valer-se das premissas de Gomes (2003), quando a autora coloca os desafios de ser negro em uma sociedade racista, onde o mito da democracia racial se revela como um desafio permanente para a afirmação da própria identidade, assim como de sua história e de sua cultura. O corpo negro se estrutura como um mecanismo de expressão e resistência sociocultural, contudo, constituindo-se como um veículo de opressão e negação.

Como destaca Munanga (2009), em países em que o racismo se faz latente, lança ao negro uma identidade corporal inferior introjetada pelos brancos, os quais auto atribuíram-se uma identidade corporal superior. Complementando as proposições de Munanga, Santos e Neto (2011) comentam que o negro recebe uma carga de preconceito e discriminação jamais observados em outros povos, e que suas características físicas e culturais foram associadas a aspectos pejorativos e inferiores na construção da sociedade brasileira. Ainda, destacam que as características fenotípicas se revelam como o principal marcador das diferenças e discriminação relativos à cultura negra que se desdobram em diversos outros aspectos subjetivos relacionados ao corpo negro, tratando-o como fisicamente feio, sujo, intelectual e culturalmente inferior.

A respeito da aceitação da identidade negra, Munanga (2009) esclarece que a busca por uma identidade negra não significa uma divisão de lutas dos oprimidos e que, embora o negro esteja envolto de problemas, ele sozinho não pode estabelecer soluções, pode contar com o auxílio de membros conscientes da sociedade para seu enfrentamento. Explica que a recuperação da identidade negra é possível quando se entende que é preciso aceitar os atributos físicos de sua negritude antes mesmo de atuar nos âmbitos culturais, psicológicos, morais e intelectuais, por exemplo, sob a justificativa de que o corpo representa a sede material dos aspectos de sua identidade.

A discussão apresentada até aqui evidenciou que a identidade negra passa, ainda, por um processo de inferiorização. Como forma de enriquecer a discussão trago o questionamento de Spivak (2010), que em sua obra *Pode o subalterno falar?* afirma que a resposta para este questionamento é negativa. Argumenta que, para o subalterno, especialmente, a subalterna, não há mecanismos que garantam, de forma legítima, sua auto-representação, sua fala.

É sob esta perspectiva que as mulheres negras são colocadas como subalternas, haja vista que os fatores destacados nesta pesquisa evidenciam essas pessoas como figuras que não participam do sistema imperialista cultural e, quando o faz, é de forma bastante limitada, como coloca Spivak (2010).

Nos textos que discorrem sobre a mulher negra, não é difícil encontrar sua descrição no contexto da subalternidade, sobretudo quando comparada a mulheres brancas que conquistaram um quantitativo maior de direitos, além de serem vistas de maneira diferente da mulher negra, por vezes, condicionada ao esquecimento.

4 REPRESENTAÇÃO NA DOCÊNCIA: Professoras negras em espaços de poder.

Nos dois primeiros capítulos pôde-se entender sobre como se entrecruzam as histórias de vida de mulheres pelo simples fato de terem em comum o marcador da pele, discorremos e dialogamos com algumas autoras, suas pesquisas e escritas que nos abrem a possibilidade de entendimento da correlação entre raça, gênero e docência, como as identidades se constroem e como a docência faz parte da história de mulheres professoras. Assim, neste capítulo buscarei amarrar algumas sensações, percepções relacionadas à docência em Porto Seguro.

Como resultado de toda essa pesquisa trago neste capítulo, de modo pontual, sentimentos, relatos e lembranças, e como tudo isso se converteu em práticas pedagógicas que as fazem ter forte representação nas escolas, pois, como nos diz Gomes (1996, p. 68) “A escola é um dos espaços que interfere e muito no complexo processo de construção das identidades”, sendo assim, ela também pode e deve ser um espaço que auxilie na consolidação da mesma nessas relações mergulhadas na alteridade.

Pauso este último capítulo com o peso de uma análise íntima, cheia de sensações esperanças e percepções, e assim como iniciei recheada de histórias de vidas diferentes, que se cruzam em dados momentos, mesmo que não no tempo, espaço, mas nas semelhanças que elas têm. Como cito no início trago experiências agora não só minhas, mas dos meus pares que julgo de vital importância para se fazer uma educação melhor, pois acredito piamente que a figura em trânsito que se revela nesta pesquisa tem muito a ensinar.

Toda a minha infância, assim como a das entrevistadas se encontram de alguma forma, seja nas experiências familiares, na condição de classe ou esperança de um futuro melhor, no círculo de amizade da vizinhança com estereotipação dos corpos, na escola e toda suas piadas, invisibilidade e silenciamento e da sociedade enquanto projetada estruturalmente para ser racista e excludente, até chegar à docência: um lócus que outrora não desejado e apesar de não ser um lugar “natural” para uma mulher e negra acaba por ser um meio de mobilidade social, é um caminho doloroso que foi percorrido. Portanto acredito que todo esse percurso contribuiu para aquisição de uma identidade negra docente para atuação nesse espaço de poder chamado sala de aula, o que é muito importante para se ter uma prática ativa, apaixonada e cheia de significados. Essa foi uma concepção forte que tive ao presenciar todas as falas e práticas desenvolvidas ao longo desta pesquisa.

Apesar de todas as dificuldades colocadas para a população negra se tratando do acesso à educação e por esse motivo se nota uma diferença abissal quando se trata das nuances de cor, gênero e classe dentro das escolas. Políticas públicas, fruto da luta do movimento negro, ao longo do século XX foram desenvolvidas para equiparar esses danos e, para tanto, possibilitou o acesso feminino ao magistério, assim, se tratando das mulheres participantes desta pesquisa consigo na prática afirmar o que Gomes (1996) relata:

Reconhecemos que avançamos ao tomar consciência da resistência presente dentro da escola, mas esta não se reduz somente à luta da classe trabalhadora. É também a luta das mulheres e da comunidade negra. (Gomes 1996, p.69)

Ou seja, através deste estudo podemos entender que as professoras negras que atuam em Porto Seguro estão adquirindo uma consciência negra e a partir daí se apoderando do que Fanon (2008) afirma sobre o poder da fala para passar a existir para outro para assim tornar as práticas pedagógicas antirracistas mais pulsantes num movimento escurecedor que tem tomado, mesmo que de maneira ainda tímida e um pouco folclorizada, as escolas municipais desta cidade

O tema central deste capítulo é a “Representatividade da mulher negra professora”, como um constructo democrático no ambiente escolar. É preciso reafirmar que o mundo em que as mulheres atuam faz parte do mundo dominado violentamente por homens, não somente no que concerne a presença física, mas, também, as imposições de muralhas machistas construídas por eles, isto é, um mundo masculino. Por isso, essa interpretação nos faz perceber que não podemos cair na fantasia de estudar as mulheres principalmente com recorte racial de maneira isolada, pois o estudo a respeito das mulheres negras está vinculada ao estudo sobre o homem. Partindo desse ponto, refletir as questões de gênero, é pensar a respeito das criações e construções culturais, sobre os papéis dos gêneros e problematizar as identidades dos mesmos, considerando os estudos feministas antirracistas e contra-hegemônicos.

Iniciei esta pesquisa com uma das afirmações de Louro (1997) que a escola é um espaço visivelmente feminino, apesar do ensino ser branco e masculino e reproduzir teorias racistas que segundo Gomes (1996) revela ser um “*pensamento externo*”, portanto com o desenrolar destas pesquisa de apenas dois anos, afirmo em minhas percepções as interrogações quem abrem um campo pra um vasto estudo: que neste município existe um movimento às vezes solitário, às vezes coletivo repleto de uma força militante que pulsa

encabeçado por mulheres negras e professoras com a intuito de trocar algumas narrativas excludentes por outras cheias de representatividade e empoderamento.

Essa panorâmica é de urgente importância para contrapor com o papel historicamente ocupado e dessa forma também interiorizado, visto que o estado e a mídia colocaram sobre os ombros das mulheres negras papéis totalmente divergentes ao ensino, lugares estereotipados e subalternizados que no imaginário social nada tem a ver com o uso da intelectualidade e da fala, e isso se mostra de todas as formas e em todas as etapas, tanto da pesquisadora que vos escreve quanto das mulheres que participaram deste trabalho.

Entendo então que mesmo nessa fagulha acesa diante dessa imensidão que se abre para a pesquisa, que mesmo esbarrando nessa dupla megaestrutura organizada que é o racismo e o machismo, existe uma eclosão acontecendo na forma de políticas pedagógicas individuais que estão se tornando, mesmo que a passos pequenos, uma grande onda de práticas pedagógicas antirracistas e de representatividade feminina docente, e isso só vem pontuar as ideias que escritoras intelectuais negras que, como afirma Ribeiro (2003, existe um novo desenho sendo traçado que se junta a tríade: identidade de raça, identidade de classe e identidade de gênero, fazendo um novo desenho, desconstruindo as resistências e construindo (Re)existências.

Resistindo e existindo, essas mulheres negras e professoras estão protagonizando uma nova história na sociedade, apesar da pouca valorização e da precarização dessa carreira, o que me remete a fazer mais uma provocação a fim que esse trabalho acenda a chama da problematização: sendo o magistério neste século uma profissão marcadamente feminina e negra bebo na fonte de Teixeira (2006) para provocar um pensamento de que essa desvalorização é o encontro desses dois marcadores esbarrando também no imaginário social do que significa à docência.

Em se tratando de uma aquisição de uma identidade representativa a fim de saber lidar com as inúmeras relações de conflito que ocorrem em sala de aula, principalmente quando se fala em relações raciais, é preciso, em caráter de urgência, políticas educacionais abrangentes que deem conta com mais efetividade da formação de professores, para auxiliar na construção de uma identidade étnico racial das crianças negras. A partir disso trago então mais um questionamento diante do que percebi durante esta pesquisa, em um município visivelmente negro, marcado por todos os tipos de movimentos culturais e

afirmando que essas relações de aceitação e exclusão dentro da escola se dão independente do ano/série, o processo de trabalho pedagógico para as relações raciais baseada na lei 10.639/03 se dá efetivamente a partir do sexto ano do ensino fundamental I, e somente de uma forma folclorizada nos anos iniciais, trago de forma provocativa, pois, foi algo constatado durante todo o processo de pesquisa, em várias formações que fui convidada para realizar com os professores do ensino fundamental I e educação infantil, cerca de quatro formações, onde tive contato com quatrocentas pessoas (professores/as) fiz a mesma indagação: “Alguém conhece, de fato, no que consiste a lei 10.639?” Na primeira formação somente cinco pessoas levantaram a mão, na segunda formação somente três professoras, na terceira cerca de sete e na última formação e mais numerosa com cerca de duzentas pessoas, somente três pessoas diziam conhecer o conceito da lei. Apesar de ter a sensação da vontade e do entusiasmo que esse tema traz aos docentes, percebo que ainda não estamos preparados o suficiente e me agarro a Gomes (1996) quando diz que não podemos apenas nos assegurar na “boa vontade” dos professores para realizar este trabalho pedagógico.

Na Constituição Federal em seus Art 5º Art, 206, Art. 242, Art. 215, bem como nos Art. 26, 26A e 79B da Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional aliada às constituições estaduais e ao estatuto da criança e do adolescente, todos esses dispositivos, em suma, propõem e garantem o direito à igualdade de condições de vida e cidadania, garantem também igual direito às histórias e culturas quem compõem a nação, esse reconhecimento implica justiça e iguais direitos sociais, civis, culturais e econômicos.

A escola enquanto instituição social responsável por assegurar o direito à educação a todo e qualquer cidadão, deve se posicionar contra toda e qualquer forma de discriminação, para isso precisa converter as demandas dos alunos em ações afirmativas, pedagógicas, de planejamento na mudança e ampliação do currículo, pois a efetivação dessa lei compete a todas as instituições escolares, às mantenedoras, aos professores e a todos os envolvidos nessas relações de ensino aprendizagem.

Voltando a falar sobre as participantes da pesquisa, é notório afirmar através das falas delas que existe, além de toda a desigualdade social que atingem as mulheres negras, uma desigualdade de representatividade também, não só se tratando do visível da cor da pele, mas daquelas que se enxergam negras politicamente, afirmo isso me baseando no relato de umas das entrevistadas quando ela diz que:

Outra lembrança que tenho era na quinta série uma professora até hoje eu não gosto dela (silêncio longo) eu não esqueço nunca ela me tirava da sala pra ir cuidar do filho dela tomar conta e voltava pra escola, isso ficou muito marcado e no dia do resultado final que eu acabei perdendo fiquei pra recuperação ela me chamou de burra na frete de todo mundo, eu não podia falar pros meus pais porque naquela época a palavra do adulto era verdadeira então eu nunca falei o que aconteceu.(relato da professora G.C.M)

Através desse relato vemos como foi construída a identidade racial e profissional, sua relação com o trabalho e com a questão negra, dentro desse processo observamos a presença de uma fala que se mostra pautado no racismo e como isso reproduz as figuras percebidas da mulher negra em nossa sociedade. O fato de ter uma professora negra não a isenta de passar pelas mesmas humilhações, esse exemplo citado nos faz entender que a identidade racial e profissional é construída, pois na grande maioria das vezes as ações e discursos racistas estão atrelados nas falas e ações dessas mulheres, o que Gomes (1996) vai chamar de *deslizes racistas*. A mesma também fala sobre esse silêncio quando diz que:

Enquanto professora, a mulher negra se vê reproduzindo discursos que ouviu quando criança na própria escola, no curso de magistério e também no de pedagogia. Em todos estes espaços não se discute sobre a diversidade étnico-cultural, as diferenças de gênero e nem se lança um olhar sobre a mulher que atua na educação, que vai além do papel de mãe, esposa ou tia. (Gomes 1996, pg. 76)

Trago esse exemplo para demonstrar como a falta de uma representação negra politicamente ativa no pertencimento racial faz como que esse ciclo vicioso se reproduza em forma de preconceito silenciamento e na falácia da democracia racial, porém trago também a quebra desse ciclo através dessas mulheres que quebraram esse ciclo e estão construindo umas práxis contra-hegemônica.

De acordo com Santos (2000), o Brasil lida com um processo discriminatório que reproduz as ideias de uma sociedade elitista e branca. Nesse cenário, as mulheres brancas tendem a buscar firmarem-se nos movimentos feministas, algo percebido em menor frequência naspor mulheres negras. Conforme Ferreira (2005), isso acaba refletindo em condições de existência e de cidadania precários quando comparadas com as mulheres brancas, o que acaba dificultando a efetivação de uma identidade positivamente firmada.

Para enriquecer a discussão, relevante se faz trazer as contribuições de Gonzales (1982), ao afirmar que o racismo representa uma construção ideológica estruturada por diversos processos de discriminação. Considerando a exclusão, o racismo edifica-se conforme os interesses da classe dominante, que se beneficia com sua prática. Mesmo considerando que o mercado de trabalho tenha favorecido as mulheres com o passar do tempo, especialmente em atividades que demandam maiores níveis de escolaridade, as

mulheres negras ainda encontram dificuldades no momento de buscar as oportunidades de emprego, sob duas justificativas: não é grande a quantidade que se estendem ao processo de formação escolar; esse público, em linhas gerais, não atende a exigência colocada pelas empresas: a boa aparência.

É nesse momento que surge a necessidade de se discutir corpo, estética e representação na docência, especificamente, quando a beleza é o pedestal do sucesso. A ditadura da beleza está impregnada pelos mais diferentes campos, seja no âmbito escolar, na família ou em outros lugares, como academias de ginástica, mundo empresarial etc. As mídias, em especial, desempenham papel eficiente no momento de divulgar um padrão de beleza que contorna e exalta o corpo¹⁰ perfeito de homens e mulheres, envolvendo, dentre outros aspectos, por exemplo, modo de se vestir e se portar, tipo de corte, cor e textura do cabelo.

Essa ditadura cria marcas importantes nos campos físico e psicológico das pessoas. Seu padrão é tão exigente a ponto de descartar, colocando à margem o indivíduo que se apresenta de maneira contrária aos seus postulados. Essas postulações estão intrínsecas ao corpo, haja vista que sua manipulação se configurou como um aspecto cultural para diferentes povos, delineando-se como um relevante símbolo identitário. Sendo assim, o corpo é apresentado como uma linguagem, e a cultura adotou algumas de suas partes para representar os veículos de comunicação e, segundo Gomes (2003), o cabelo é uma dessas partes.

O ensino precisa escurecer, ser fiel a história buscando resgatar sua reedificação fundamentada na história e na representatividade das mulheres negras, superando toda ditadura branca da “boa aparência”, e o silenciamento da população negra no processo de segregação e anulação. Esse movimento de pertencimento permite fazer uma reparação na história da negra, abraçando as habilidades de todos os alunos no acesso e na permanência

¹⁰ “este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. Essa sujeição não é obtida só pelos instrumentos da violência ou da ideologia; pode muito bem ser direta, física, usar a força contra a força, agir sobre elementos materiais sem no entanto ser violenta; pode ser calculada, organizada, tecnicamente pensada, pode ser sutil, não fazer uso de armas nem do terror, e no entanto continuar a ser de ordem física. Quer dizer que pode haver um saber do corpo que não é exatamente a ciência de seu funcionamento, e um controle de suas forças que é mais que a capacidade de vencê-las: esse saber e esse controle constituem o que se poderia chamar de a tecnologia política do corpo” (FOUCAULT, 1987, p.26)

na escola. Assim, então, assinalando novos trajetos para o processo de validação da área educacional. Desse modo, o pensamento “final” desse processo de escrita apresenta uma importância social e política da figura da professora negra na sala de aula, pois, entendendo o seu papel, vai representar para os alunos, negros e não negros, a trajetória de quem enfrenta as barreiras construídas pela dupla discriminação, e entendendo melhor seus alunos, se abre para um diálogo e para parcerias cheias de valores civilizatórios africanos.

São elas (professoras negras), mergulhadas na cultura, que, acompanhadas da militância, podem perceber com melhor exatidão o conteúdo racista e construir novos saberes e, assim favorecer o desenvolvimento das lutas antirracistas (SILVA; NOBREGA, 2017). “Representatividade na docência”, entende um ensino de forma dinâmica e outros valores que são pouco trabalhadas, ou seja, a violência física e de classe que atinge a população negra, a intolerância religiosa, a ditadura da beleza, a subalternização da beleza feminina negra, a contribuição da mulher negra na sociedade. Reproduzindo uma imagem confiante nas falas e nas atividades propostas, trazendo para perto os alunos num processo de intervenção crítica e com representatividade social baseada no princípio do respeito a alteridade, escurecendo a escola, entendendo e respeitando a diversidade e, construindo práticas pedagógicas em conjunto que sejam antirracistas.

5 (IN)CONCLUSÕES:

Esta pesquisa é fruto de uma inquietação pessoal e profissional da observação e vivências desta pesquisadora, a proposta inicial não era este tema porém com o decorrer das leituras, pesquisas reflexões, escritas ele foi se moldando a partir das concepções que julguei importante e relevante para a comunidade.

O processo de escolarização no Brasil difere principalmente no que diz respeito as pessoas negras e mais ainda no que diz respeito as mulheres negras, portanto de forma didática pedagógica esse texto buscou alcançar todos os públicos que venham se interessar em lê-lo e com o propósito de levar esse público a entender busquei escreve-lo de forma em ordem para mostrar a forma como todo o processo proposto pelo tema fosse feito em um caminho linear.

Foi pensado em três capítulos onde o primeiro busquei tratar de todo esse processo de escolarização das mulheres negras no brasil, quais de que forma elas chegaram ao magistério, no segundo capítulo trata a proposta foi entender de depois de transpor esse muro e acessar esse espaço de poder quais os meios e negociações que elas fazem para transitar. No terceiro capítulo trata da importância da representatividade e para os avanços na educação e da figura negra como na sala de aula.

Usando este termo acima já explicado e referenciado pauso este trabalho com algumas inquietações que propositalmente combinam com o título desta parte do texto, enquanto mulher, professora de periferia porém consciente de minha identidade negra, da história dos que vieram antes de mim, pedagoga freriana que acredita numa educação libertadora, e para tal num ato de pensar por si, entende que para um melhor aprendizado deve-se conhecer de fato na história as partes boas e ruins a fim de se criar uma consciência, de lutar, de sair da inércia. Trago nesta obra parte de minha trajetória tão diferente e tão igual a de outras irmãs para provocar esse levante, ainda que em ondas pouco revoltas de uma tomada de consciência política da pele e do gênero das minhas colegas professoras negras deste município.

Trago aqui novamente uma experiência já compartilhada no corpo deste texto. Em novembro de 2017 em exercício de minha função de coordenadora pedagógica na escola em que trabalhava fui ameaçada de morte pela família de um aluno pelo simples fato de tentar resolver um conflito, onde ouvi coisas como: “vai morrer pois é intrometida”; “você

não é nada aqui, que coordenadora, uma negra relenta dessa, tem que estudar muito para ser uma coordenadora”. Após o ocorrido em conversa com uma professora ela me disse: “É isso, Thalita! Você está num lugar que não é seu. Nunca vão aderir a você nesses espaços de poder”.

Analisando o contexto de escolarização e a caminhada, assim como os muros que precisaram ser derrubados para que essas mulheres se tornassem professoras em um país que as viam num caráter assistencialista, amas de leite e babás, portar o saber neste contexto social é negociar todo tempo para transitar nos espaços do saber. Pensando sobre os capítulos desenvolvidos até aqui, historicamente neste país, as nuances de cor e o sexo delimitam quem pode, quem pensa, quem produz e quem é mão de obra, ser professora dentro deste contexto é sair desse lugar “natural” e apesar de já estarmos no século XXI, ainda é motivo de estranheza para muitos, foram séculos tendo nossos corpos como objetos, sexualizados, explorados.

A educação deve ser de forma integral, que contemple o sujeito em todas as áreas da sua caminhada, como nos garante a Constituição Federal Brasileira através da Lei 9394/96, Das Diretrizes e Base da Educação Nacional que asseguram o direito à cidadania e à igualdade. Desse modo, tendo em vista a potência das histórias das professoras negras que produzem práticas pedagógicas antirracistas em suas escolas é urgente a disseminação desses fazeres para que de modo contemplativo façamos uma educação que contemple nossos alunos.

Porém, tendo acessado esse espaço de poder é urgente a aquisição de uma identidade politicamente negra que produz práticas pedagógicas que transcendam as paredes da sala de aula e sejam cada vez mais libertadoras, inclusivas, afrontosas para que nossos alunos e alunas assim como nós possam possuir esses lugares outrora negados aos que vieram antes de nós.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS:

ALTHUSSER, Louis. **Ideologias e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. São Paulo: Presença, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Tradução de Mateus S. Soares. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1999.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A CONSTRUÇÃO DO OUTRO COMO NÃO-SER COMO FUNDAMENTO DO SER**. São Paulo, 2005.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. Tradução Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CAVALLIERO, Eliane dos Santos. **DO SILÊNCIO DO LAR AO SILÊNCIO ESCOLAR: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo. 1998.

COSTA, Kátia Regina Rabello. **Mídia e Racismo**. De Petrus et Alii Editora Ltda, Petrópolis, 2012.

Educação, identidade negra e formação de professores. Um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun., 2003

FANON, Frantz. **Pele Negra - Mascaras Brancas**. Bahia: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

_____. GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto: o processo de construção da identidade racial de professoras negras**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

GOMES, Nilma Lino. **EDUCAÇÃO, RAÇA E GÊNERO: RELAÇÕES IMERSAS NA ALTERIDADE**. Cadernos Pagu. 1996.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. Currículo sem fronteiras. Minas Gerais. 2003

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. 10. ed. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HYPOLITO, Á.M.; LEITE, M.C. L.; LOGUERCIO, R.Q. **Imagens, docência e identidade. *Cadernos de Educação***/ FaE/PPGE/UFPel / Pelotas 2010. Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/fae/caduc/downloads/n36/14.pdf>. Acessado em de agosto de 2018.

LOURO, Guacira, **Sexualidade e educação. Uma perspectiva pós estruturalista.** Petrópolis: Vozes,1997.

MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues. Estatutos estaduais do magistério e discriminação racial. In: OLIVEIRA, Iolanda de (org.). **Cor e magistério.** Rio de Janeiro: Quartet; Niterói: EDUUF, 2006.

MUNANGA, Kabenguele. **Negritude: usos e sentidos.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

OLIVEIRA, E. **Mulher negra e professora universitária: trajetória, conflitos e identidade.** Brasília: Líber Livro, 2006, 146p.

PINTO, Geíse Pinheiro, BORGES, Larissa Amorim, SANTOS, Suely Virgínia, JESUS, Vanessa Cristina. **130 Anos de (des)Ilusão.** Belo Horizonte: DPlascido, 2018.

RIBEIRO, Simone. Falando com professoras sobre vocação, qualificação para o trabalho e relações de gênero – o que pensa quem faz? In: PAIVA, Edil Vasconcellos de (Org). **Pesquisando a formação de professores.** Rio de Janeiro: DPeA, 2003.

SANTANA, Patrícia. **Professores negros: trajetórias e travessias.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.

SANTOS, Richard. **130 Anos de (des)Ilusão.** Belo Horizonte: DPlascido, 2018.

SANTOS, Richard. **A REVOLUÇÃO NÃO SERÁ TELEVISIONADA (!?) - O caso comparado da TV Pública no Brasil e na Argentina.** Brasília, 2017.

SCOTT, Joan. **GÊNERO: UMA CATEGORIA ÚTIL PARA ANÁLISE HISTÓRICA.** Tradução Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila, 2017.

SILVA, Delma Josefa. **Afrodescendência e educação: a concepção identitária do alunado.** 2000. 185 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2000.

SILVA, Maria. Identidade racial brasileira. In: SANTOS, Givanilda; SILVA, Maria. **Racismo no Brasil: percepções da discriminação e do preconceito racial no século XXI.** São Paulo: Perseu Abrano, 2005.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro.** Graal. São Paulo.2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ANEXOS:**QUESTÕES DAS ENTREVISTAS:**

1. Informações Pessoais

Nome

Idade

Cor

Escolaridade

Formação:

Residência (mora em que bairro?) Nasceu em Porto Seguro? Quando chegou em PS?

2. Relações Familiares

a. Seu pai? Sua mãe? Eles nasceram em PS? Escolaridade? Qual a profissão deles?

b. Você tem irmãos? O que eles fazem?

3. Fale um pouco da sua vida: lembranças da infância, preferências, brincadeiras, amigos e amigas; o bairro onde morou, sobre mudanças de casa/residência.

4. Fale um pouco da sua vida escolar: cursou educação infantil, matérias preferidas, professores

5. professoras preferidos, passeios realizados, melhores amigas e amigos na escola; livros preferidos.

6. O que fazia no período em que não estava na escola? Ficava com quem?

7. O que fazia nas férias?

8. Por que você escolheu o curso? Por que você quis determinado curso? O que pretendia com ele? Quais os seus sonhos?

9. Fale sobre seu pai/mãe, o que ele/ela faz? Sua profissão? Você conversou com ele/ela sobre sua escolha?

10.Fale um pouco da sua mãe ou da mulher mais próxima de você: como ela é, quais as orientações que ela passa ou passou para você, ela trabalha, estuda, tem namorada ou namorado, quais eram os desejos dela.

11.Como os valores, sonhos, ideais dessa mulher refletem em você?

12.Como o curso escolhido pode ajudar na realização dos seus sonhos ou de outras pessoas da sua família? Ou amigos/as?

13.Qual mulher é referência para você? Ou para sua escolha profissional?

14.Você sabe o que é feminismo? O que é gênero? Sobre as lutas das mulheres?

15Você participa de algum movimento social?

16.Que tipo de projeto você desenvolve na sua escola?

17.Você conhece a lei 10/639, o que entende sobre ela, acha necessário, ter uma lei para o ensino de África nas escolas.

18.Você tem autonomia para suas aulas em relação aos conteúdos?

19.Como os alunos se comportam diante desses assuntos?

As questões da entrevista passaram por perguntas de cunho pessoal formação e profissional, pois acreditei que desta maneira poderia obter de uma maneira mais abrangente a panorâmica da trajetória de infância, adolescência, formação, relações familiares, posições políticas, assim como seu trabalho em sala de aula.

HISTORIA 1. MULHER PRETA “REPRESENTATIVIDADE: AFRICARTE 10 ANOS”

Meu nome é M. M. B. tenho 39 anos sou negra estudei o superior completo formei em pedagogia, nasci em Itabuna/Bahia, mas moro num sitio em Trancoso desde 1989. Fui adotada com três dias de nascida no hospital Manuel Novaes, minha mãe (não conheço) fugiu do hospital e me abandonou, as freiras encontraram uma família branca que me quiseram, meus pais já morreram, tenho nove irmãos quatro mulheres e cinco homens, todos biológicos eu sou a única negra, minha mãe dizia que eles Deus deu para ela, eu ela escolheu para amar, todos os meus irmão são formados, todas as meninas são professoras minha mãe sempre dizia que profissão de mãe era ser professora, por que você tem final de semana feriado para cuidar da família.

Sobre minhas lembranças de infância, nunca tive a diferença em casa por eu ser negra, fui criada com muito amor e respeito. As pessoas falavam sempre na rua, pois minha mãe era branca dos olhos claros, então as pessoas sempre questionavam se eu era adotada, certa vez ao chegar em casa eu questionei a minha mãe ela disse o seguinte “não ligue pra isso seu irmão Deus me deu você eu escolhi para amar”, sempre usei meu cabelo natural, na escola eu era popular mas as vezes me incomodava com os comentários e brincadeiras sobre meu cabelo crespo, comentário tipo “você não penteia não?” Dentre outras coisas, mas eu tinha uma boa autoestima.

Minhas brincadeiras (silêncio), bem eu gostava de pique-esconde, tinha uma brincadeira que a gente fazia que era vestir roupa de índio e ir vender coisas na praia, brincar no sitio, tudo muito saudável tive uma infância muito feliz, bolo de areia baleado.

Sobre minhas referências quando criança tinha o diretor Roger que foi diretor nesta mesma escola que hoje estou ele era maravilhoso fazia projetos, ajudava os adolescentes, e minha mãe também era professora, artesã, costureira, cozinheira ela dizia que mãe pobre tem que ter mais de uma profissão eles foram meu grande referencias. Gostava de lê, mas não tinha muito acesso aos livros, mas recordo de ler turma da Mônica, sitio do pica pau amarelo, mas a personagem da tia Anastácia me incomodava era a única negra e

empregada. Nas minhas férias eu brincava bastante, mas também trabalhava vendia coisas na praia minha mãe tinha uma barraca de praia.

Sobre minha profissão eu queria fazer contabilidade, arquitetura algo que me desse um status maior, porém eu não tinha condições e aqui ou se fazia o magistério ou ia vender coco na praia, daí minha mãe matriculou no magistério e acabei gostando inicialmente trabalhei com crianças e depois os adolescentes onde me identifiquei mais e hoje eu tô fazendo esses projetos. Os ideais de minha mãe refletiram em mim, na minha família eu sou a caçula então eu não fui referência, mas eles refletiram em mim, principalmente, minha mãe.

Sobre a diferença de gênero ser professora negra na escola eu acho importante o feminismo a escola deve ser trabalhado, pois a escola separa os papéis tem brincadeira de menina e menino, cargos eles exigem que sejam homem ou tem de ser forte, tem que ter estudo de gênero sim por que, por exemplo, na escola tem professores gays e eles têm que ter cuidado de até não tocar no aluno, pois é como todo professor gay tivesse segundas intenções sabe.

Sobre os movimentos sociais sou associada à aplb - sindicato dos professores -, ao Brasil Chama África (Instituto Brasil Chama África), não sou muito assídua por que moro muito longe, mas sempre que posso eu tô lá, minha militância é com meus projetos dentro da escola, e sobre esses projetos é a partir de agosto a partir da segunda unidade já começamos a pedir o material, trabalhamos com várias oficinas, pintura, artesanato, desfile, banda, roupas customizamos camisa.

Dentro da sala de aula a gente faz debates sobre temas diversos, eu enquanto professora faço isso nas minhas aulas, a gente tem uma disciplina no município que tem um conteúdo, mas o tempo é muito curto pra aula, é uma aula por semana não dá pra estudar tem que passar o texto uma aula e conversar na outra aula, na outra semana se ficar só xerocando só não tem como. Sobre a matéria específica sou professora de geografia e DAI (sigla dada para a matéria que estuda África no município) cada professor pega uma matéria de “peso” e DAI arte o livro de arte tem, mas o conteúdo de África é pequeno porque eles fizeram a matéria, mas não dão subsidio já teve formação, mas não contempla a gente, a gente precisa de ideias.

Sobre a lei 10.639/03 eu acho necessário a gente tem que reescrever a história e colocou toda a parte cultural sobre África e indígena já é um passo e isso o livro não faz então a gente tem que estudar, não é só a lei por que o livro ta tudo errado ainda. Eu nas minhas aulas sou livre pra voar eu tô no programa (currículo), mas aí aparece uma novela e você ta vendo os comentários na sala, por exemplo, vi uma conversa sobre as lésbicas da novela já paro a aula e já vou conversar sobre aquilo pra acabar com os comentários maldosos.

Sobre meus alunos e as relações raciais as opiniões se dividem um pouco muitos não acreditam nessa problemática e aí você tem que trazer um contexto pra eles enxergarem que isso existe por exemplo quando apareceu o caso de um jogador que foi discriminado ou uma atriz aí eles veem que existe mas mesmo assim muitos ainda não acreditam, mas adolescentes a gente não entende muito coisa na minha casa meu pai sacaneava comigo eu ficava falando que nos comerciais de shampoo não tinha o cabelo igual o meu uma vez passou a propaganda da Bombril ele falou: - Aí você não estava reclamando ó o comercial do seu cabelo aí.

Eu sei que a gente precisa de mais formação mais material, tudo que vem tem uma linguagem muito acadêmica a gente quer coisa pra sala de aula, tem que ter a linguagem dos alunos isso falta muito.

Sobre os desfile sempre tinha desfile aqui em Trancoso só ganhavam pessoas brancas daí eu trouxe pra escola o desfile de beleza negra por que não tinha, eu me realizei pois queria isso na minha adolescência e hoje a menina que ganhou a nível do estado é filha de gari não se via como negra e saiu do nosso projeto hoje ela influencia outras meninas e meninos, o menino um preto lindo mas chega andava encurvado e convidei ele pra desfilar ele de início não aceitou por não se sentir bonito e ganhou no município em primeiro lugar em novembro na comemoração dos 10 anos do projeto quero trazer todos eles pra contar sua história é tão que tem muitos meninos que concluem aqui mas voltam para me ajudar no projeto a gente tem banda, nossos quadros são vendidos pra fora do Brasil, é muito importante hoje esse projeto para nossa comunidade tem ajudado muitos jovens.

HISTÓRIA 2. MULHER PRETA “NO COMANDO”.

Meu nome é G da C. M, tenho 49 anos sou negra, tenho superior completo formada em pedagogia, tenho uma pós-graduação em cultura Afro Brasileira e Africana, moro em Porto Seguro desde 1992 sou de Arataca, mas para morar fixo só em 1994 quando eu fiz o concurso público e vim com meu esposo e dois filhos.

Minha relação com minha família...hummm... com meu pai sempre foi uma relação pra mim de pai pra filha em se tratando de divisões de papéis entre o homem e a mulher assim, eu digo isso porque em nosso país machista e patriarcal a gente sabe como é essa relação pelo menos na minha época nesse contexto existia um certo (risos) medo respeito de falar, mas tinha também um outro lado que era muito bacana quanto a ele, me deixava muito tranquila a gente tinha um poder aquisitivo, bom ele me deixava bem à vontade principalmente em praticar alguns esportes.

Minha mãe dava a maior força, sempre foi uma relação muito boa digo assim, mas minha relação com ela sempre foi mais distante até mesmo porque eu fui criada pela minha vó, que é referência maior para mim, meu pai estudou até a quinta série e minha mãe até a oitava série, minha vó não tem escolaridade mas tinha uma coisa que acho muito bacana nela a questão do incentivo minha mãe e minha vó tinha esse olhar que a gente devia ser independente não precisar de homem. A educação sempre foi muito importante.

Minha família sempre me deixou muito a vontade porque mesmo meu pai sendo carrancudo sisudo tal, mas minha família sempre foi um sistema matriarcal, apesar de saber que no Brasil o machismo sempre impera, mas na casa da minha vó tinha uma coisa muito importante ou melhor dizendo na família, a última palavra era da minha vó, então o que ela dizia era ela quem mandava, determinada e ponto, não tinha netos nem mesmo os filhos dela ia de contrário ao que ela dizia isso me marcou muito e eu tento trazer isso pra minha família.

Tenho quatro irmãos três meninos e uma menina, meu irmão mais velho é autônomo só fez até a quinta série, o segundo fez teologia é pastor e atua como professor,

minha irmã fez pedagogia e agora faz mestrado, o caçula ele concluiu o ensino médio e é funcionário de uma empresa.

Na minha infância como uma menina negra (risos) bem eu me lembro assim...só tinha eu e outra menina negra e muitos meninos, existia brincadeiras muito bacanas (risos) que as pessoas relacionavam a brincadeiras de homem e era o que eu mais gostava de bola, de gude (gargalhadas) então assim nessa relação enquanto criança no contexto da rua existia sim coisas tipo essa: - Neguinha tífute! e eu partia pra cima sempre brigava dava porrada em todo mundo; lembro que existia uns meninos uns brancos lá acho que eles eram do Espírito Santo e toda vez que eu passava me chamava de neguinha Saci Pererê, tia Anastácia era mais minha irmã mais ai eles diziam que eu era irmã da tia Anastácia, então assim eu não gostava até mesmo do que eu via (espelho) eu achava feio então eu descia a porrada, cheguei quebrar a cabeça de um desses meninos, era forma que eu tinha pra me defender, as vezes eu chamava minha irmã que era mais forte ela batia em todo mundo eu sempre fui mais fraca mas eu me defendia. Isso se tratando das “brincadeiras” mas tinham outras coisas que sempre me chamavam atenção, a casa da minha vó sempre foi muito aberta, ela sempre gostou de muita gente em casa ela fazia de tudo pra deixar os filhos os netos sempre dentro de casa, então dentro de casa a gente não via essas divisões isso era mais na rua mesmo quando alguém perdia um jogo pra tirar sarro então existia esse apelido que acabavam em briga as vezes os adultos entravam-no meio e a gente (pretos) que levava a culpa a gente era chamada de agressiva não viam que a gente estava se defendendo não na vez que eu quebrei a cabeça do menino a mãe foi na minha casa minha vó quem me ouviu mas me colocou de castigo acho que até como uma forma de me proteger pra eles não me baterem, eu morria de medo mudava até o caminho pra não passar na porta deles.

Já na escola na minha educação infantil eu tinha uma professora que se chamava Maria José e eu conseguia me ver nela e apesar de refletir hoje o que é ser politicamente negro isso não sei se ela era apesar de alisar o cabelo ela falava de respeito ela dizia que o negro era lindo então eu acho que ela era sim politicamente negra e pra mim ter uma mulher negra que falava que ser negro era bom era lindo eu amava - já na primeira série isso ai tinha uma outra professora que eu já não gostava muito ela tinha uma afastamento em se tratando principalmente das meninas e meninos negros a gente tinha tipo um gueto na sala de aula eram os alunos negro que se juntavam e sentávamos sempre no mesmo lugar e isso foi se arrastando para as outras séries.

Eu lembro que quando eu passei pra quarta série eu fui pra uma escola Estadual pequena e existia um grupo diversificado porém também tinha uma separação e lá era mais cruel, professora branca então quando existiam os apelidos as questões de briga sempre o encrenqueiro era que batia e elas não viam como defesa eu lembro que eu utilizava como forma de defesa principalmente que eu ouvia de Saci Pererê me lembro de um dia que eu tive uma diarreia e os menino ficavam me chamando de nega cagona e não me lembro de professor nenhum me defender saíram da escola e me acompanharam até em casa gritando eu cheguei em casa minha vó me chamou me levou no fundo, me deu banho cuidou de mim conversou comigo eu chorei muito isso ficou marcado na minha vida e hoje enquanto professora quando tem qualquer probleminha eu me importo e tento mostrar e resolver todas as coisas. Me recordo também de outras duas coisas que me marcam e que eram formas que eu tinha pra me defender da terceira série, além de brigar discutir puxar cabelo era usar a matemática pra me defender como eu fazia existia a sabatina era esse momento que eu usava pra me vingar nos colegas o nome da palmatoria era Chiquinha e eu batia com tanta força (risos) e aqueles que me encheu o saco eu esperava perto deles porque sabia que eles não sabiam responder e eu batia. Outra lembrança que tenho era na quinta série uma professora até hoje eu não gosto dela até hoje eu não esqueço nunca ela me tirava da sala pra ir cuidar do filho dela tomar conta e voltava pra escola, isso ficou muito marcado e no dia do resultado final que eu acabei perdendo fiquei pra recuperação ela me chamou de burra na frete de todo mundo, eu não podia falar pros meus pais porque naquela época a palavra do adulto era verdadeira então eu nunca falei o que aconteceu.

Meu sonho não era pedagogia eu sempre disse pra minha mãe que eu seria uma médica e pediatra mana minha cidade arataca (risos) só existia no caso a formação que era o magistério e contabilidade então eu fiz o magistério mas que queria ser médica e minha mãe sempre se cobrou pois ela não conseguiu dar isso pra mim.

Quanto a questão da formação de magistério apesar de minha família já ter advogado e pastor quando eu me formei foi um orgulho sim na minha família era tipo: - Ah a filha de fulano é professora! Tinha um certo prestígio sabe? Mas não foi a formação que eu queria, mas depois que eu comecei a assumir eu vi como uma missão quando eu cheguei na sala e vi aquelas pessoas pequenas lindas e que dependem da gente pra ver o mundo de

uma outra forma hoje eu penso que se não fosse pediatra era isso que eu queria pra minha vida.

Sobre as lutas de gênero, são lutas que vieram junto com meus ancestrais e tiveram histórias não contadas e de mulheres negras que foram apagadas, eu penso que devo continuar a contar essas histórias meu feminismo é esse sabe? Lutar pra empoderar minhas alunas, não foi fácil no passado e hoje continua não sendo fácil ser uma mulher negra pobre de periferia nessa sociedade machista racista homofóbica, misógina que poderia possibilitar a mulher um espaço eles fazem ao contrário e tem outro lado enquanto pedagogas negras devemos militar nesse espaço pra mostrar nossas alunas que podemos estar em qualquer lugar.

Infelizmente existem mulheres negra que tem dificuldades, as pessoas costumam dizer que nós negro que somos racistas mas eu costumo dizer que nós passamos por tantas coisas ruins que acabamos externando, multiplicando tudo isso por conta daquilo que nós passamos e nem percebemos e essas professoras negras que não estão nem ai pra nada precisam abrir os olhos porque então ela não está nem ai pra nada, existe aquele menino menina que está olhando pra ela e se vendo eu costumo dizer que onde eu me vejo eu compro, eu quero estar próximo os nossos professores precisam entender que temos um espaço.

Mas infelizmente olha nós temos no município o seguinte: temos uma lei existe disciplinas que inclusive atualmente é...foi mudado nós trabalhávamos 1 aula do sexto ao nono e agora do sexto e sétimo com diversidade e o oitavo e o nono vamos trabalhar com a história de Porto Seguro isso porque a gente começou a perceber que no oitavo e nono eles tem história da África e eu acho que isso complementa e as crianças que estão saindo do primeiro seguimento eles ainda não viram, então assim ainda não é trabalhando de uma forma mais expressiva eu costumo dizer o seguinte não é fácil acabar de vez com 500 anos de escravidão não é fácil . Não é fácil você fazer com que uma categoria entendam que é necessário discutir a questão de história e cultura da África dos Afro descendentes e indígenas também nas escolas discutir empoderamento de mulher, discutir a equidade, discutir o feminicídio discutir tudo isso não é fácil você colocar porquê? (silêncio) muitos estão em um ‘casulozinho’ que acham que tudo é muito lindo ou muitas vezes em se tratando de história e cultura da África muitos acham que nós vamos tratar de religião e

existem pessoas quem pegam essa disciplina só pra completar a carga horária, tem muitos evangélicos que acabam pegando a disciplina então eles sempre relacionam a questão religiosa só e unicamente eles não buscam tratar a questão da organização política, social, econômica e cultural que eles veem só a questão da religião então a dificuldade de trabalhar isso.

Escuto os professores falando que precisam de formação, mas quando a gente fala de história do povo negro a gente precisa pesquisar um pouco mais porque tudo bem...sou negra militante do movimento negro, movimento de mulheres, mas eu busquei eu senti na pele eu vi a necessidade eu vi o que sofri então eu tive que buscar pra não deixar que outras crianças passem pelo que eu passei então o professor precisa buscar e hoje com as redes sociais ficam mais fácil pesquisar mas tem que ter interesse.

Eu tô na coordenação de promoção de igualdade racial e gênero há 10 anos com muita luta pra eu entrar eu queria deixar registrado porque não foi a gestão mas foi luta do movimento negro pois não existia um local para uma informação para formação para se discutir também a lei 10639 fui convidada e recusei de início porque eu tive medo mas quando o movimento me chamou eu acabei aceitando ,foi muito difícil pois apesar de ser muito tranquilo no início mas no decorrer destes 10 anos aconteceram algumas coisas que eu relaciono ao racismo, ao preconceito a falta de respeito com as diferenças porque todos sabem existem as questão do negro, do índio, do cigano, da pessoa com deficiência, da mulher mas tem colegas que colocam um tapume na frente pode não querer enxergar que existem e que precisam ser discutidos pra serem respeitados e as pessoas precisam aceitar isso muito, eu costumo dizer aos meus colegas que eu posso não concordar mas eu vou respeitá a posição de cada um então essa falta de respeito me assusta muito muito.

Nessa coordenação nós começamos a desenvolver algumas ações como pesquisando terreiros, anemia falciforme, lúpus questões que acometem em maioria da população negra. Tem as ações do novembro negro com discussões nas escolas oficinas roda de conversa seminários na datas pontuais a gente envia material de como trabalhar para as escolas e no novembro negro a gente para refletir o que deu certo o que agente desenvolveu no ano e realize um desfile é direcionado ao meninos e meninas do fundamental do segundo seguimento escolas particulares e estadual, e nesse processo do desfile a gente realiza roda de conversa para que não seja somente para a beleza mas pra eles entenderem o por que

eles estão ali entender o que é o belo não obedecemos o padrão europeu temos todas os traços meninos baixo, gordos com trações realmente negro então é um momento que eles podem ser protagonistas de tudo e entendam que eles podem estar em qualquer lugar que eles queiram.

HISTORIA 3. MULHER PRETA “DA LITERATURA AO BLOCO AFRO”

Meu nome E.C. P.S 47 anos, negra, mestranda em educação formada em letras na Uesb moro no arraial, sou de vitória da conquista cheguei em porto seguro em 2003.

Bem ...sobre minha família vamos lá... Não conheci meu pai ele morreu quando eu tinha 1 ano a única coisa que eu sei do meu pai é que ele era remanescente do quilombo do cinzento no planalto.

Minha mãe nasceu numa cidade do interior da Bahia chamada Santa Barbara nem sei como é essa cidade (risos), porque depois que ela saiu foi morar numa fazenda próximo a Itororó, Itapetinga naquela região sabe? Ela estudou até a 4 série primária na época da minha mãe mulher não era criada pra estudar ela aprendia ler e escrever, a somar e multiplicar para cuidar dos afazeres de casa e depois ia ajudar o marido na roça.

Tenho 8 irmãos todos profissionais assalariados sem formação acadêmica, só têm uma que fez pedagogia só, e parou aí por que a nossa família é muito grande e nós mulheres também fomos criadas para sermos donas de casa, mães; não fomos criadas para estudar e trabalhar ir para o mercado de trabalho. Então minhas outras irmãs começaram a trabalhar por terem se casado e começaram a enfrentar dificuldades daí tiveram que ajudar os maridos sempre em qualquer trabalho faxineira, serviços gerais, empacotadeira por que na nossa casa era: vai pra escola aprender ler escrever e depois já casar, minha mãe reproduziu a vivência dela né e por ter ficado viúva muito jovem com 40 anos a preocupação dela era que todas a filha se casassem, tinham que está “encaminhadas” tinham que “ter um nome” ter família pra ser uma “mulher de respeito” que é diferente de como a gente educa nossos filhos hoje. Minha infância foi muito saudável, (silêncio) a gente brincava muito, ia pra escola pro trabalho eu comecei a trabalhar aos 9 anos eu vendia alface couve na rua minha mãe plantava eu vendia, mas minha infância foi saudável

a gente brincava de correr na medida do possível, de subir no pé de abacate, correr atrás da galinhas quem pegasse a galinha primeiro ganhava o melhor pedaço (gargalhadas), a gente era e ainda é bastante humilde.

Minhas amizades era bem poucas por que minha mãe tinha medo da gente se perder então ela dizia que o melhor amigo era Deus e ela e os nossos irmãos, então tinha uma festinha de amigos a gente não ia, primeiro por que não tinha roupa nem sapato nem dinheiro pro presente então ela não deixava a gente sair pra não se relacionar com gente que a gente não conhecia eu não me lembro de ter amiga de sair ou receber em casa tinha uma vizinha que na época do sitio do pica pau amarelo era a única da rua que tinha tv então a gente ia todo mundo sentar na porta da casa dela era muito gente boa a gente não entrava na casa dela não, mas ela colocava a televisão na janela pra gente assistir, ela tinha três filha mas a gente não tinha muita amizade por diversas questões sociais, culturais, as meninas já namoravam a gente não, as meninas iam em festa a gente não, tinha essas barreiras.

Enquanto minha experiência na escola bem... (silêncio) – lembrooooo! Hoje a gente fala de bullying, né? ah o bullying, o bullying, eu falo que bullying é pros fracos (risos) porque na minha época de criança e adolescente negra na escola, não vou dizer que foi um período perverso mas só hoje eu identifico várias situações que foram perversas, a gente estudava numa escola pública municipal mas que fazia uma seleção não era todo mundo que podia estudar lá, a gente fazia uma prova de acesso já começava aí, lembro que muitos dos meus vizinhos não estudavam só trabalhavam, por que não conseguiam entrar nessa escola e a outra escola era muito ruim e o que sobrava era uma escolinha particular que a maioria não tinha condição de pagar daí você já pode perceber eram poucas as crianças negras nessa escola e acontecia assim... Às vezes eu entrava na sala ia sentar daí uma menina falava: - Do meu lado não senta negro não! Então eu enfrentava eu era muito agressiva eu dava logo uns tapas (risos) e sentava daí a diretora chamava minha mãe era uma confusão minha mãe vivia na escola e a culpada era sempre eu: - ah sua filha é agressiva bate nos meninos por nada ninguém perguntava o que a menina fez né?

Lembro de uma vez que eu entrei no time de vôlei durante o ensino fundamental eu quase não participava porque tinha o grupinho das meninas que não deixava as meninas negras participarem, tinha o grupo das meninas quem eram negras e o grupo das meninas

que eram brancas a gente não se misturava por que dava briga, eu só fui perceber que eram questões racistas depois que eu cresci naquele momento ninguém falava nem minha mãe que era branca de cabelo liso, meu pai que era negão então ela não percebia o racismo tanto que ela dizia coisas assim: - ah! Fulano é gente boa só é preto, mas é gente boa! Esses discursos. Ela não me deixava usar roupa vermelha, amarela por que eu sou negra você já é preta não pode chamar muita atenção, batom eu não podia usar fui usar batom a primeira vez quando me casei, porque ela me proibia: - você com uma boca deste tamanho vai usar batom pra que? -Essas coisas foram bem marcada na infância e na adolescência era sempre assim: ou meu corpo era objetificado pelos meus colegas homens ouvia coisas como: - ah! Você é a cor do pecado, delícia. Se aproximavam com esse fetiche de ficar com uma menina negra. Mas não porque gostavam de mim foi outra dificuldade que eu tive foi me relacionar com meninos, eu beijei a primeira vez com 16 e casei com 19 tive um namorado só, eu tinha muito medo dos meninos por que avançavam no sentido sexual já as meninas era muito estranho na adolescência, eu era magra e tinha um perfil de traços brancos daí tinha aquela coisa: - ah! Você é preta, mas é bonitinha, ouvi muito isso. Você é preta mas tem traços fino, E eu achava um elogio (risos) eu tentava entender o que era esses traços finos depois fui entender que era o corpo a boca o nariz eu ainda estava no padrão que dava pra aceitar.

E o time de vôlei que tinha conflito com as meninas, a gente viajava pra disputar torneio elas diziam que não iam dormir comigo falavam: você fede, você não vai secar o rosto na nossa toalha não que seu suor fede que você é preta. Então eu fui me fortalecendo com essas coisas, eu era agressiva elas falavam isso eu dizia: - Problema seu e tomava a toalha automaticamente eu comecei a desenvolver mecanismos de defesa eu era arrogante, eu batia de frente com todo mundo não tenho lembrança de ser uma criança recolhida não, com vergonha eu enfrentava eu batia muito.

Eu tive uma única professora que foi referência pra mim e que inclusive não era negra, ela gostava muito de mim me incentivou muito por que eu escrevia então se tinha uma produção de texto ela lia pra toda sala dizia que eu era a melhor aluna eu acho que foi por isso que eu fiz letras eu gostava de ler, escrever e ela me incentivava muito, eu não tinha contato com livros não ainda mais literatura negra hoje eu tenho que fazer um esforço pra encontrar, pra dá as minhas aulas imagine naquela época. Não tinha livro que falasse sobre nosso povo, nossa cultura, identidade era tudo voltado para o não negro eu não tinha

referência de nada, não tive nenhum professor negro todos eram brancos assumidamente brancos uns diziam que eram morenos claros. Nas férias eu trabalhava dobrado eu rezava pra chegar o período das aulas para eu deixar de trabalhar um pouco, mas toda minha vida eu sempre trabalhei e estudei não tenho lembrança de só ter estudado até hoje é assim.

Sobre meus sonhos profissionais de criança eu queria ser jornalista por que eu era fã de Gloria Maria eu via ela e falava é isso que eu quero, mas as dificuldades me empurravam para profissões mais acessíveis inclusive eu voltei a estudar com 29 anos por que eu casei nova com 19 tive filho não conseguia estudar só trabalhava um dia eu pensei: - Caraca! eu tenho que estudar tô ganhando muito mal trabalhava, 14 horas por dia daí eu comecei estudar para o vestibular quando eu passei tinha 28 anos mas não tinha jornalismo eu prestei vestibular em Sergipe que tinha jornalismo e em Vitória da Conquista letras, passei nas duas só que optar pelo que seria mais acessível, em termos né por que eu tinha que caminhar 2 horas pra ir e 2 pra voltar por que não tinha dinheiro pra pagar o ônibus e ai não tinha como mudar pra Sergipe com filho, sem trabalho, sem bolsa. Mas acabei me apaixonando pelo curso de letras.

Minha maior referência de mulher foi minha mãe, mas profissionalmente foi a Gloria Maria por que era a única mulher negra que eu via na televisão, nas novelas é claro, mas sempre na cozinha, mas ela pra mim era um ícone enfim, mas de mulher mesmo minha mãe guerreira trabalhava de manhã, de tarde, de noite, lavava roupa pra fora cozinhava e criou todos os filhos com dignidade máxima exemplo de mulher dava conta de tudo (risos).

Sobre estudos de gênero e feminismo eu diria que o meu não é radical, os extremos pra mim não serve, eu sou uma feminista que me posiciono eu enfrento a todo momento com minha alunas principalmente toda aula, todo texto eu trago uma reflexão mais crítica por exemplo agora eu tô trabalhando literatura do século XVII, então na leitura de alguns textos de autores como José de Alencar, Bernardo Guimarães eu sempre questiono sobre gênero e raça procuro puxar tipo: -E ai gente vocês conseguem identificar a posição que a mulher negra (por exemplo) ocupa nesse texto? – Professora na verdade nem fala né. Daí a gente discute isso, por que não fala e tal tal tal.

Então eu procuro está o tempo todo falando disso da mulher negra, da menina da favela por que que eu tenho que estudar mais porque a gente é ensinada a abaixar a cabeça,

a valorizar o que não é nosso, foi ensinado a alisar o cabelo, foi ensinado a não usar nossas roupas, porque que a gente foi ensinado a odiar e a ter medo do candomblé , então tudo isso eu dou um jeito, de abordar essas questões, minhas salas de aula são majoritariamente meninas negras da favela de uma sala que tem 22 meninas as vezes tem 1 menina branca todas as outra ou são afro indígenas ou negras. Então enquanto educadora não posso dá aula de literatura sem tocar nessas questões isso é a minha militância. Meu feminismo por que uma mulher branca nunca vai saber o que uma mulher negra passar pra procurar emprego por exemplo.

Lembro de uma vez que fui procurar emprego espalhei currículo, fui fazer um teste em uma contabilidade o cara chegou para mim e falou assim: - olha até que você lê bem, escreve bem mas tem um requisito que você não atende. Eu falei: o que? Ele: - a boa aparência. Eu disse: -como assim a boa aparência eu tinha 17 anos e fui para casa pensando, como assim boa aparência eu tomei banho penteiei o cabelo. Ele não disse claramente que eu não servia para ser recepcionista da empresa dele porque eu era negra, mas disse que eu não tinha boa aparência para esta ali. Ele ainda falou assim: - a recepção é a cartão de visita da empresa. Aí a gente percebe que nós mulheres negras éramos empurradas para os cargos de limpeza, faxineira, baba dificilmente ascendíamos a uma outra profissão que não fosse essa. Outra lembrança que eu tenho foi quando eu já estava no terceiro ano do ensino médio eu fiz um curso de auxiliar de escritório então as empresas iam na escola pegar os alunos com melhores notas da escola e oferecia o último ano um estágio na secretaria da fazenda, eu fui selecionada e fui me apresentar para o estágio o pessoal me questionava se era eu mesmo com aquelas notas. Mas quem mandou você veio aqui? Eu: - a direção da escola. Pediram meu documento pra confirmar se era a mesma pessoa do boletim, ele relutou em aceitar. Eu preenchi a ficha e fiquei na antessala esperando pra conhecer quem seria meu chefe, daí chegou uma funcionaria e falou assim: -tô precisando de alguém na minha casa pra fazer faxina e cuidar da minha filha eu falei: -ta bom. Ela: -então você quer ir? Eu falei: -não. Ela: - porque não quer ir? Eu: - por que vou estagiar vou começar aqui hoje. Ela: - você? Estagiar aqui? Essa coisa sabe você com as melhores notas da escola você estagiando na secretaria da fazenda como assim que bagunça é essa? (Gargalhadas)

Eu participo de vários movimentos sociais, em Arraial D'ajuda eu sou agitadora cultural tenho um bloco afro que infelizmente é composta por maioria branca por que ainda temos um problema de identificação, por exemplo, na escola que eu fui vice-diretora no

momento da matrícula perguntava a cor eles diziam tudo menos negro eu percebi que a gente tinha um problema. No meu bloco afro agora tem aula de percussão e eu dou aula de dança. Ainda tem resistência por que eles associam muito ao candomblé. Até desconstruir isso eu sou candomblecista, mas na minha aula não tem isso. Eu tenho obrigação moral de trabalhar apesar da resistência faço projeto na escola e já posso perceber de uns 4 anos pra cá uma mudança na imagem delas. Esse é meu papel enquanto mulher negra professora mulher negra.